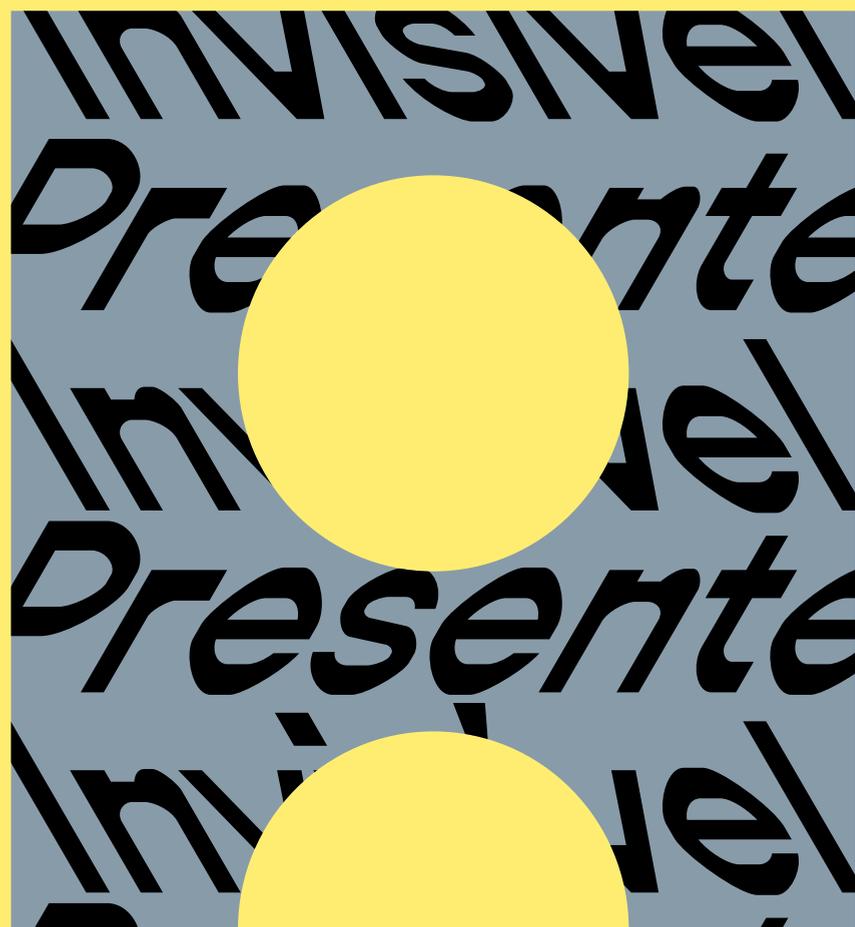


Biennial of
Contemporary Arts

Presente
Invisível



02.09 – 15.10
2023

Lisboa
Faro

BO
CA

PRESENTE INVISÍVEL

Privilegiando uma identidade de programação que se sustenta nas travessias, entre territórios artísticos, entre linguagens e geografias, entre tempos e espaços, a BoCA apresenta na sua 4ª edição uma programação que se expande, ao longo de 6 semanas, por 30 espaços culturais, patrimoniais e naturais das cidades de Lisboa e Faro. Entre teatros, museus, centros culturais, espaços patrimoniais, espaços naturais e discotecas, reunimos em torno do título Presente Invisível artistas, pensadores e comunidades que apresentam maioritariamente novas criações encomendadas, produzidas ou co-produzidas pela BoCA, afirmando a bienal como um espaço de circulação de novas ideias, imagens e discursos que dão a ver a polissemia do presente.

Habitamos um presente caracterizado pela vertigem da velocidade, ela própria geradora de invisibilidades que permitem ao nosso olhar um desprendimento do humano, ou seja, a possibilidade de ignorar a liberdade, a justiça e a igualdade. Aquilo que só é visível se nos permitirmos ver e cuidar, comprometidos com o presente.

Numa das mais belas curtas-metragens de Pasolini, “A Sequência da Flor de Papel”, vemos a personagem central a dançar e a caminhar até um limite, aquele que a impede de continuar o caminho sem dar-se conta do que acontece realmente à sua volta: há lugar para a inocência, ignorando a dor e a violência de um mundo em constante mudança?

Movimentos migratórios, apagamentos históricos, extrativismos, violência racial e de género. O Presente Invisível dilui fronteiras geográficas, físicas, temporais, identitárias, dá visibilidade e voz a quem e àquilo que não a tem tido. Encontra na tradição uma forma de resistência, de um modo de sentir, que passa pelas entranhas, ao qual estamos visceralmente ligados, para além das velocidades e dos tempos. E escutamos, potente, um eco da ancestralidade a que retornamos e que vivifica a sua presença na atualidade.

HABITAR AS FRONTEIRAS

Como parte da identidade desviante da BoCA, em que convidamos artistas e pensadores a criar projetos noutros territórios artísticos, apresentamos as duas primeiras incursões do filósofo **Paul B. Preciado** no palco e no cinema. Na Culturgest, conhecemos a sua leitura encenada do texto biopolítico “Eu Sou o Monstro que vos Fala”, pela voz de um grupo de cinco intérpretes trans e não binários. Ante-estreamos em Portugal a primeira experiência cinematográfica de Preciado, adaptação da obra de Virginia Wolf, “Orlando, a minha biografia política”. Um filme que questiona quem são os novos Orlandos na contemporaneidade e invoca Orlandos históricos que lutaram por reconhecimento e visibilidade.

Atravessando identidades distintas, a humanidade e proximidade propostas pelo realizador e encenador **Marcus Lindeen** leva-nos a habitar uma espécie de anfiteatro humano, junto de intérpretes que só poderiam ser escolhidos por alguém que tem um olhar vindo do cinema. Os espetáculos “Orlando & Mikael”, que tem como ponto de partida o filme “Os Arrependidos”, aborda as escolhas e impactos na operação de mudança de género, e o espetáculo “L’Aventure Invisible” interroga a estabilidade das nossas identidades.

Continuando a sua pesquisa e especulação histórica em torno de identidades *queer*, **Odete** junta-se à desenhadora de luz francesa **Caty Olive** para o início de um projeto que evoca os castrati e explora o seu universo vocal e estético. Um projeto que quer valorizar a vibração das vozes que habitam territórios de travessia entre estados.

Já no Panteão Nacional, numa única apresentação, decorre o espetáculo que também reúne dois artistas pela

primeira vez, o saxofonista **Bendik Giske** e o bailarino e ator **Romeu Runa**. O património imaterial da linguagem corporal de Runa, na sua habitual dialética que junta vulnerabilidade e visceralidade, é colocado em diálogo com a vibração e resistência de Giske, numa criação que evoca a memória do escritor Samuel Delany, cuja obra imagina futuros queer através da ficção científica afrofuturista.

Igualmente atravessados pelas fronteiras entre géneros, papéis, linguagens e estados emocionais encontramos as personagens de “The Talking Car / O Carro Falante”, dentro de um carro que se dirige aos passageiros e que não cessa a sua imparável velocidade. Com um elenco composto por Albano Jerónimo, Bartosz Bielenia, Íris Cayate, Aaron Ronelle e Vera Mantero, o texto original e a encenação da artista visual e realizadora polaca **Agnieszka Polska** marcam a sua estreia no teatro, uma das principais produções encomendadas pela BoCA.

CORPOS, GESTOS E PALAVRAS HIPERVISÍVEIS

Paulo, o mercenário que **Salomé Lamas** entrevistou em “Terra de Ninguém”, vemo-lo agora na Igreja de São Pedro de Alcântara. Relata-nos a sua história da violência na guerra colonial, transpondo para um presente invisível o testemunho objetivo, factual e paradoxal que fica a ecoar num espaço sagrado.

E se é através da palavra que cremos (ou não) nas imagens que nos dão a ver, com a justiça e a política num pacto em que protegem a invisibilidade daquele mercenário até ao fim da sua utilidade, também a nova criação de **António Poppe**, “Em Voz Alta”, nasce da palavra dita e de um imenso arquivo imaterial de palavras que Poppe guarda na sua memória, mas também de objetos cenográficos, para criar um projeto que é descendente da ópera, da ópera da memória.

A partir das palavras de Julio Cortázar e do seu conto “Las Babas del Diablo”, o músico e artista visual **Pedro Alves Sousa** estreia a sua primeira ópera, no Teatro Nacional São Carlos. Em “A Vaia Viva”, com uma cantora lírica e três máquinas *reel-to-reel*, o artista reconstrói uma narrativa a partir da memória fotográfica. Quer junto das palavras desta personagem fictícia, Robert, quer junto de Paulo, no filme de Salomé Lamas, subsiste a veracidade do real.

Na linha da memória e da celebração de figuras que se tornaram invisíveis, inscritas num relevante legado, Pedro Alves Sousa apresenta uma instalação no MAAT inspirada na vida do saxofonista Jerry True, propondo uma experiência sonora e física, numa dimensão quase industrial. Já em Faro, no Jardim da Alameda, o quarteto de cordas da **Orquestra do Algarve** tocará três peças do premiado compositor norte-americano John Lutter Adams, não só em memória de um amigo já ausente (“Three High Places”), mas sobretudo celebrando a beleza das paisagens e dos elementos naturais (“The Wind in High Places” e “Canticles of the Sky”).

Sobrenatural é a beleza com que a cantora e compositora **Marina Herlop** nos apresenta o concerto “Pripyat”, com as suas acrobacias vocais, de linguagem inventada e de sintetizadores, que terá lugar em dois espaços patrimoniais, o Panteão Nacional (Lisboa) e as Ruínas de Milreu (Faro), com a colaboração da criadora de moda Constança Entrudo.

A invisibilidade da memória inscreve-se no presente de mais de trinta jovens estudantes de artes visuais e de composição musical, no projeto “Corpo Visível”, que celebra 100 anos do nascimento de Mário Cesariny.

A dramaturga, atriz e encenadora **Keli Freitas** coordena esta criação que cruza música, performance e artes visuais e a partir do poema de Cesariny, cruzando também as geografias de Lisboa e Faro, a Escola Superior de Música de Lisboa e a Universidade do Algarve, o MAAT

e o Museu Municipal de Faro, que acolhem as apresentações do concerto-performance.

Desde a invisibilidade da nossa identidade que o espaço virtual proporciona, **Ana Borralho & João Galante** estreiam a sua nova criação, “Chatrom”, no Teatro do Bairro. O público é convidado a trocar mensagens entre si, refletindo sobre a presença e a ausência, eu e o outro, a vulnerabilidade e a empatia, enquanto a linha que separa a realidade virtual e a experiência física no teatro se torna cada vez mais ténue.

O PRESENTE ABSOLUTO DA TRADIÇÃO E DA ANCESTRALIDADE

No São Luiz Teatro Municipal estreamos um concerto que reúne intensidades, harmonias e ressonâncias acústicas de famílias distintas: as tradicionais cordas da viola campaniça, com **Os Moços da Viola Campaniça**, de Castro Verde, e a precisão com que a portuense **Frederica Campos** toca a sua harpa, confluem num conjunto de emoções que nos acordam para uma pulsão telúrica e ancestral, apoiadas nas palavras do cancionero tradicional alentejano.

Lisboa enquanto cidade de misturas e cruzamentos torna-se palco de várias práticas tradicionais e ancestrais que habitam o espaço público, que reclamam o “absolutamente presente” como unidade do presente, do futuro e do passado, abraçando a co-existência de identidades plurais. É o caso do mexicano **Héctor Zamora**, que inspirado num dos ofícios mais antigos do seu país, os “globeros”, vendedores de balões coloridos, presta homenagem às economias informais a que muitas pessoas estão sujeitas para sobreviver. Encontraremos, em Lisboa e Faro, pessoas migrantes a vender volumosos conjuntos de balões espelhados que preenchem o céu e o nosso olhar, formando palavras que aludem à migração, aos respetivos sonhos e desejos, mas traduzem também preconceitos de que estes corpos são alvo.

Caminhando pelo centro das ruas de Lisboa, enquanto gesto vital, de sobrevivência, de reterritorialização dos lugares invisíveis que a cidade comporta, encontraremos a ceramista cabo-verdiana **Jacira da Conceição** com um pote na cabeça. A sua performance-caminhada “Insularidade”, convida-nos a reimaginar o passado (e a tradição) a partir da unidade do presente, que se faz caminhando coletivamente.

Também especialista na criação de esculturas em cerâmica, que ligam a ancestralidade indígena a um tempo e humor contemporâneo, o tucumano **Gabriel Chaile** concebe um dos seus maiores projetos. Frente ao rio Tejo, na Praça do Carvão do MAAT, coloca em diálogo dois objetos distintos que se olham mutuamente: um forno de cerâmica em homenagem a Alcindo Monteiro, assassinado num crime racista em 1995, no centro de Lisboa, e uma escultura que consiste no seu auto-retrato. Chaile abre-se, como sempre, ao diálogo com o outro, ativando no espaço a combinação da dimensão prática e utilitária do forno e de um conjunto de ações que constitui um programa público (comida, debates, música, exibição de filmes), com a dimensão estética da cerâmica que alude à América indígena. A invisibilidade do racismo estrutural é convocada por Chaile através de um dispositivo visual e utilitário, aberto, inclusivo e participativo.

Do Porto para Alcáçovas, para Faro e para Lisboa – são as rotas que o percussionista e escultor **João Pais Filipe** e o coreógrafo e bailarino **Marco da Silva Ferreira** têm feito para a criação de “Terra Cobre”, uma instalação e performance que tem como ponto de partida os chovalhos de Alcáçovas, reconhecidos pela Unesco como Património Imaterial da Humanidade, e que questiona as propriedades culturais e históricas dos objetos através da música e da dança.

O DEVIR DA HISTÓRIA – RECONSTITUÍDA, REIMAGINADA, QUESTIONADA

Violência e extrativismo constituem a paisagem da região do Pará, na Amazônia. O filme “Fala da Terra” de **Bárbara Wagner** e **Benjamin de Burca**, desenvolvido em parceria com o coletivo de teatro Os Banheiros do Povo, composto por militantes do MST (Movimento dos Sem Terra), dá a conhecer a reconstrução histórica e teatral do massacre de Eldorado dos Carajás, que ocorreu há 25 anos naquele território. Apresentado no Cinema Ideal e seguido de debate com os artistas, “Fala da Terra” dá voz àqueles que protagonizam a luta e a resistência na região amazônica, invisíveis aos olhos dos holofotes do poder, uma luta por direitos, terra e alimentação saudável.

Também implicados em acabar com o silêncio e visibilizar um período dramático da história de Portugal, “**A Revolta do Milho**” consiste também numa recriação histórica através do teatro. Ocorrido em 1942 na aldeia do Vale da Pedra, perto de Leiria, o espetáculo narra um episódio sobre um grupo de populares (12 homens e duas mulheres) que foi preso e condenado pelo crime de sedição, permanecendo um ano na cadeia de Peniche, por se opor à entrega de 1000 quilos de milho ao Grémio da Lavoura, num tempo de fome e de crise em Portugal. Atores, amadores e a comunidade da aldeia do Vale da Pedra vêm a Lisboa apresentar um documento histórico da identidade portuguesa, que só agora veio à luz do dia.

Motivado em contribuir para uma mudança efetiva da vida das pessoas, visibilizando problemáticas de justiça social e política, no filme “O Novo Evangelho” o encenador e realizador de cinema **Milo Rau** conta a história de Jesus através do ativista político camaronês Yvan Sagnet, que luta pelos direitos dos trabalhadores agrícolas ilegais no sul de Itália.

Já sabemos que a História não é fixa e se inscreve na memória do corpo e do espírito, e como tal o sagrado, tal como a tradição, é espaço para uma continuada flutuação interpretativa e de interpelações à luz do tempo e do sujeito que vamos habitando. A criadora brasileira **Gaya de Medeiros** adentra-se numa das mais sagradas peças de dança do séc. XX, “Café Müller” de Pina Bausch, não para a recriar historicamente mas para a questionar historicamente (com as mesmas perguntas que Pina usou no seu processo criativo), à luz da sua identidade queer.

Noutras geografias, questionando a capitalização da empatia e do extrativismo, os artistas **Julian Hetzel** e **Ntando Cele** trazem a Lisboa e Faro o espetáculo “SPAfrica”, que se foca na transação de recursos entre Europa e África. Na peça, a garrafas de água importadas desde a África do Sul são devolvidas, como moeda de troca, cheias de lágrimas de cidadãos europeus.

A IMAGEM MOVIDA PELO CORPO; O CORPO MOVIDO PELA VOZ

Num acontecimento histórico, associamo-nos ao Queer Lisboa e à Cinemateca para uma retrospectiva do trabalho cinematográfico de **Yvonne Rainer**, uma das mais influentes coreógrafas e bailarinas do séc. XX, elemento fundador do emblemático coletivo Judson Dance Theater, que revolucionou a dança e as artes performativas nos anos 60, em Nova Iorque. Os sete filmes exibidos são extraordinárias revelações narrativas, visuais e experimentais, objetos de longo fôlego sobre as questões que Rainer trata na dança enquanto coreógrafa: falam de feminismo, são politicamente comprometidos, abordam relações de poder, propõem uma visão crítica sobre a divisão de classes e tratam de todas as representatividades e respetivos abusos, violências e preconceitos a que estão sujeitas, seja identidade de género, racismo, idadeismo, envelhecimento... O visionarismo de Yvonne Rainer ecoa um Presente Invisível que cria paralelismos

com questões que estão hoje no centro do debate político, social e artístico. Juntamos então **Gisela Casimiro**, **João dos Santos Martins** e **Jorge Jácome** para uma conversa moderada por **Claudia Galhós**, após a exibição do documentário “Rainer Variations” de Charles Atlas, para indagarmos o impacto que a obra de Rainer tem nas práticas artísticas portuguesas.

Implicando o seu corpo na exploração do movimento, da música e apoiado por diversos adereços, com a colaboração de **Eloíse Grace Winter** e **Rafael de Oliveira**, Herlander estreia na BoCA um concerto teatral, “Trial”, que remete para uma viagem interior em busca da nossa origem.

Investindo também na materialidade dos objetos, dois arcos de ferro, e nas relações espaciais entre estes e os seus próprios corpos, em “Um Pequeno Exercício de Composição” **Vera Mantero** e **Teresa Silva** experimentam o encontro entre formas e conteúdos, onde elas próprias se inserem, geram movimentos e imagens que parecem testar as proporções do corpo humano, numa escala vitruviana. Este trânsito entre tempos e conceitos também se faz entre disciplinas artísticas, com a colaboração de Santiago Tricot. Este é precisamente um território de permanente metamorfose familiar de **João dos Santos Martins**, que estreia “Está Visto” com a artista visual **Ana Jotta**, a pianista **Joana Sá** e o coreógrafo e designer floral **Filipe Pereira**. Testando novas possibilidades de escrita de movimento, encontramos o canto como elemento coreográfico, com o corpo a ser atravessado por desencontros amorosos ao sabor de canções de estilo romântico. Por seu lado, os atores **Cláudio da Silva** e **Carolina Dominguez**, com o artista visual e realizador **Pedro Paiva** que se aventura pela primeira vez no teatro, abraçam Woyzeck, anti-herói romântico, numa nova criação que inaugura os antigos Armazéns Abel Pereira da Fonseca, o novo espaço da ZDB.

O BRILHO DAS MARGENS

Em Faro, a escala desafiante da Fábrica da Cerveja é o epicentro da programação da BoCA, a partir da qual se tece um conjunto de atividades que comporta instalações, performances, concertos, filmes e festas, e desenhando-se um ecossistema que liga equipamentos culturais, patrimoniais e naturais da cidade. O Teatro das Figuras, o Teatro Lethes, o Cub Fareense, as Ruínas Romanas de Milreu ou o Jardim da Alameda.

A exposição Presente Invisível que ocupa a Fábrica da Cerveja apresenta instalações de artistas que evocam o fenómeno da migração e da representatividade das suas identidades: a cenógrafa e artista visual **Neusa Trovoadá**, uma das vozes mais presentes do feminismo negro em Portugal, explora a matéria subterrânea enquanto espaço de escuta, de resistência, capaz de trazer à luz um outro futuro possível; **Zia Soares** performa “Coro dos Assombrados”, um texto de **Djaimilia Pereira de Almeida** que reflete sobre o silenciamento a partir da potência política da voz e do grito; **Tiago Cadete**, com a instalação sonora “Concerto”, confronta-nos com 20 colunas de som apontadas na nossa direção, uma orquestra de 30 vozes de pessoas migrantes que o artista entrevistou e que revelam processos migratórios e da história colonial; em paralelo às ações performativas no espaço público, **Héctor Zamora** apresenta-nos aqui e no Reservatório da Patriarcal (Lisboa), os tais conjuntos vigorosos de balões espelhados com palavras que encontraremos à venda nas ruas de Lisboa e Faro, agora numa espécie de cemitério de sonhos, de expectativas e desejos desfeitos, uma “Quimera” sem ar, entre a parede e o chão; por seu lado, a vídeo-performance de **Rita GT**, “Unearthing”, traz-nos o reconhecimento da história esquecida das mulheres que, no período colonial, eram obrigadas a emigrar junto dos seus maridos. Do lado de fora, os muros e as janelas da

Fábrica da Cerveja são intervencionados pelo mais jovem artista desta edição da BoCA, **João Melo / Glantosz**, que com a sua pertinente irreverência questiona a sua própria representatividade e visibilidade, as margens que habita e que ilumina com a sua câmara fotográfica.

A Fábrica torna-se num espaço continuado de produção e reflexão do Presente Invisível. Contribuindo, para o mesmo fim, os debates, filmes e momentos de convívio criativo de **A Noite das Ideias**, uma parceria com o Instituto Francês de Portugal e no âmbito do programa MaisFrança, que irá refletir sobre fenómenos contemporâneos de proliferação, como é o caso do género, ou determinados por uma lógica do excesso, como é o caso da aceleração e velocidade. Com curadoria de **António Guerreiro**, esta noite de reflexão crítica junta **Sinziana Ravini**, **P. Feijó**, **Cláudia Varejão**, **Laurent de Sutter**, **Jerôme Lèbre** e **Carla Baptista**, após conferência-performance de **Paul B. Preciado**.

John Romão
Diretor artístico

English translation available at bocabienal.org

DIREÇÃO EXECUTIVA E ARTÍSTICA
John Romão

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Hugo Alves Carocha

ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO FINANCEIRA
Joana Portela

COMUNICAÇÃO
Laila Algaves Nuñez

ASSESSORIA DE IMPRENSA
this is ground control

PRODUÇÃO
Beatriz Sequeira, José Jesus, María Sabatini, Marina Rei, Mário Sousa

MEDIAÇÃO BOCA SUB21
Diogo Simão, Sara Franqueira, Sónia Baptista

IDENTIDADE
Helmo

DESIGNER BOCA 2023
Oscar Maia

DESIGNER RESIDENTE
Miguel Santos

CONTABILIDADE
Elisabete Oliveira

GESTÃO DE BILHETEIRA
Maria Inês Augusto

DIREÇÃO TÉCNICA
Guilherme Pompeu

REGISTO FOTOGRÁFICO
Bruno Simão, Borys Dmytruk

REGISTO VÍDEO
Waves of Youth, Diana Necker



GABRIEL CHAILE (AR)

Lisboa

E SE O AUTOBIOGRÁFICO NÃO FOR MAIS DO QUE AS HISTÓRIAS DOS OUTROS A ATRAVESSAR-NOS?

INSTALAÇÃO PROGRAMA PÚBLICO

LISBOA
Instalação
■ 02.09 a 15.10, 10h–21h

Programa público
■ 02.09 (sábado), 18h
■ 16.09 (sábado), 18h
■ 01.10 (domingo), 17h
■ 15.10 (domingo), 17h
MAAT – Museu de Arte,
Arquitetura e Tecnologia
(Praça do Carvão)

Entrada livre

M/6

A prática artística do argentino Gabriel Chaile assenta na investigação de longa data de comunidades empobrecidas, rituais e hábitos da sua casa na Argentina. Criado na cidade de San Miguel de Tucumán, no norte da Argentina, com herança espanhola, afro-árabe e indígena da Candelária, Chaile cria espaços onde precedentes históricos, epistemologias indígenas e convenções artesanais prescientes misturam-se com a vida contemporânea. Grande parte da sua produção recente inclui objetos escultóricos como potes e fornos de barro que, muitas vezes, assumem traços antropomórficos. Assim, o artista procura invocar a memória de pessoas e marcos da resistência civil a partir dos rituais comunitários e celebratórios em torno da comida—na sua sabedoria e fazer ancestral, na sua dimensão de cura e, enfim, na sua multifunção de alimentação do corpo, da alma e dos espíritos.

A convite da BoCA, Gabriel Chaile cria uma nova instalação para a Praça do Carvão do MAAT—um tributo

a Alcindo Monteiro, jovem português, nascido em Cabo Verde, brutalmente assassinado em 1995, num crime que expôs, e continua a expor, o racismo estrutural que encontra espaço e legitimação no país. Em torno do forno-retrato de Alcindo, prevê-se uma série de ativações coletivas, em quatro datas, reunião em tono de comida, debates, música e exibição de filmes.

Compondo minuciosamente este momento do encontro—de lugares, tempos e identidades—, repleto de calor e pertença, Chaile coloca a sua escultura “Auto-Retrato” frente a frente com o forno “Alcindo Monteiro”, num esforço de implicar o seu corpo nesta troca de olhares e histórias, com honestidade e empatia. “E se o autobiográfico não é mais do que a história dos outros a atravessar-nos?”, pergunta Chaile.

Comissão e produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts
Apoio à apresentação: MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

Argentinian Gabriel Chaile’s artistic practice is based on a long-standing investigation of impoverished communities, rituals and habits from his home in Argentina. Raised in the northern Argentine city of San Miguel de Tucumán, with Spanish, Afro-Arab and indigenous Candelaria heritage, Chaile creates spaces where historical precedents, indigenous epistemologies and prescient craft conventions mingle with contemporary life. Much of his recent production includes sculptural objects such as clay pots and ovens, which often take on anthropomorphic traits. In this way, the artist seeks to invoke the memory of people and landmarks of civil resistance from the community rituals and celebrations around food—in its ancestral wisdom and know-how, in its healing dimension and, finally, in its multi-function of nourishing the body, soul and spirits.

At the invitation of BoCA, Gabriel Chaile is creating a new installation for MAAT’s Coal Square—a tribute to Alcindo Monteiro, a young Portuguese man born in Cape Verde who was brutally murdered in 1995 in a crime that exposed, and continues to expose, the structural racism that finds space and legitimation in the country. Around Alcindo’s oven-portrait, a series of collective activations are planned, on four dates, around food, debates, music and film screenings.

In a meticulous composition of this moment of encounter—of places, times and identities—filled with warmth and belonging, Chaile places his sculpture “Auto-Retrato” (Self-Portrait) face to face with the “Alcindo Monteiro” kiln, in an effort to involve his own body in this exchange of glances and stories, with honesty and empathy. “What if the autobiographical is nothing more than the story of others passing through us?” asks Chaile.



HÉCTOR ZAMORA (MX)

Lisboa | Faro

“QUIMERA”

PERFORMANCE INSTALAÇÃO

LISBOA

Performances

■ 02.09, 16.09, 23.09, 30.09, 07.10
(sábados), 10h–13h

Praça do Comércio, Praça do
Rossio, Parque Eduardo VII

Instalação

■ 07.09 a 15.10, 14h–19h (quarta
a domingo)

Reservatório da Patriarcal

Acesso livre

FARO

Performances

■ 06.09, 22.09 e 06.10, 17h–20h

Largo da Sé, Jardim Manuel Bivar,
Fábrica da Cerveja

Instalação

■ 06.09 a 15.10

Fábrica da Cerveja

Inauguração:

06.09 (quarta), 19h

Terça a quinta e domingo: 15h–20h

Sexta e sábado: 15h–22h

Acesso livre

O trabalho do artista visual mexicano Héctor Zamora é conhecido pela problematização de questões sociais, culturais e políticas relacionadas com o trabalho numa sociedade de consumo. De regresso a Lisboa, depois de ter apresentado a impactante performance e instalação “Ordem e Progresso” na BoCA 2017, a sua nova criação, “Quimera” (2023) divide-se entre uma ação performativa, que tem lugar em espaços públicos de Lisboa e Faro, e uma instalação.

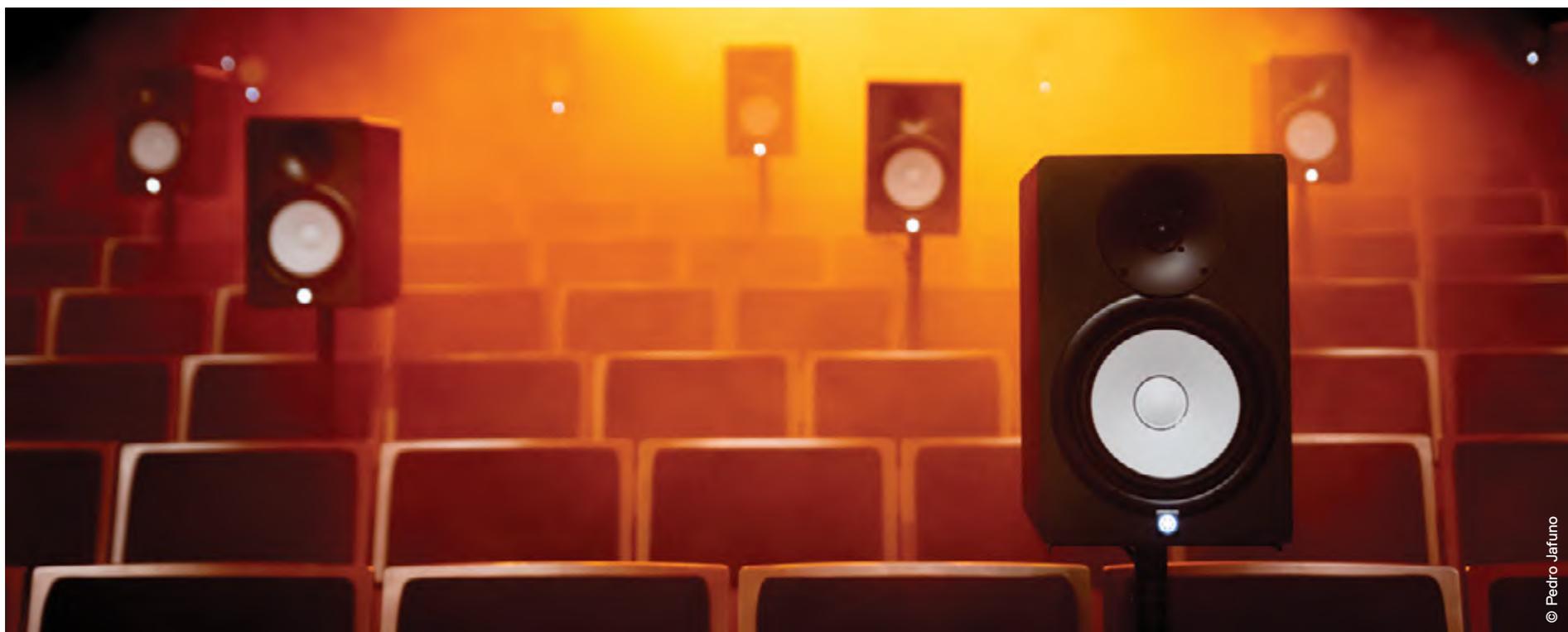
A ação consiste num grupo de vendedores ambulantes imigrantes que vendem balões, espalhados por diferentes praças e jardins das duas cidades. O conceito evoca a multidão de vendedores ambulantes que percorrem as ruas do México com conjuntos de balões a flutuar

Héctor Zamora presents his new work “Chimera” (2023), which takes place in the public spaces of Lisbon and Faro. The action consists of a group of street migrants vendors selling balloons, scattered in different squares and gardens in both cities. The concept evokes the multitude of street vendors who walk the streets of Mexico with clusters of balloons floating over their heads like a cloud of brilliant colours. Located along the main avenues and intersections of the city, as well as in its peripheral areas, the sellers appear as mirages where the urban fabric meets the desert. Filled with helium, the balloons in the action

sobre as suas cabeças. Cheios de hélio, os balões da performance assumem a forma de diferentes palavras que conjuram a ideia de “quimera”: um sonho irrealizável ou uma ilusão fabricada pela mente.

“Quimera” torna visível o invisível, prestando homenagem às economias informais. Convidando-nos a repensar a nossa relação com uma paisagem que não tem o mesmo significado para todos os habitantes do território, este trabalho destaca um segmento da população cuja força de trabalho constitui um pilar da economia portuguesa, uma população que habitualmente habita espaços invisíveis da sociedade. Por sua vez, o conceito dos balões obriga-nos a reconhecer as nuances dos fluxos migratórios em busca de um futuro melhor.

take the form of different words that conjure the idea of “chimera”: an unrealizable dream or illusion fabricated by the mind. Inviting us to rethink our relationship to a landscape that does not have the same meaning for all the inhabitants of this territory, this work highlights a segment of the population whose labour force constitutes a pillar of the Portuguese economy, a population that the media and political groups consistently strive to keep invisible. In turn, the concept of the balloons forces us to recognise—with a touch of irony—the nuances of the migratory flows in search of a better future.



TIAGO CADETE (PT)

Faro

“CONCERTO”

INSTALAÇÃO

FARO

■ 06.09 a 15.10

Fábrica da Cerveja

Inauguração:

06.09 (quarta), 19h

Terça a quinta e domingo: 15h–20h

Sexta e sábado: 15h–22h

Entrada livre

M/6

Quem são os novos migrantes? E que desejos têm quando migram para o país que os colonizou? Prosseguindo com a sua investigação teatral, visual e sonora que desafia um olhar crítico sobre a relação histórica entre Portugal e a América Latina, o novo projeto de Tiago Cadete assume pela primeira vez o formato de uma instalação de grande escala, “Concerto”.

Esta instalação foi criada a partir de entrevistas a 30 migrantes originários de 20 países latino-americanos, a tentar a sua sorte em Portugal e em Espanha, cujos testemunhos compõem o texto desta instalação performativa. Na Fábrica da Cerveja, em Faro, ouvimos uma sinfonia migrante, um concerto que se constitui por múltiplas vozes de migrantes latino-americanos. A capacidade de escuta e de curiosidade que se ativa no espectador, através de 20 colunas de som apontadas na sua direção, torna-os testemunhas e cúmplices de uma partitura sonora que revela processos migratórios contemporâneos em justaposição com a história colonial. Um concerto que nos faz projetar, através da escuta e imaginação, o corpo e os processos de travessia que cada um deles fez até chegar ali, à nossa frente.

Criação, desenho de som e luz: Tiago Cadete

Desenho de som: Nico Espinoza

Com a participação de: Alina Canosa; Alison Rojas; Angel Arteaga; Damariz Ushiña; Danitsa Cabrera López; Elida Hernández; Emilsón Henry; Esther Lozano; Ikebana Cabrera; Ilonka Flores; Jonathan Bonilla; Kevin Mazariegos; Leonela Rendón; Lucía de la Maza; Melody A.; Paulina Tovo; Roxana Gomez; S. Martínez; Sergio Del Rio; Thais Peixoto; Vinicio Figueredo

Produtora: Ana Lobato

Mediadores (PT): Jonnathan Zapata e Pablo Peixoto

Mediadora (CAT): Laura Colomé

Tradução e transcrição: Diana Cadete e Lucía de la Maza

Assessoria de imprensa: Mafalda Simões

Teaser: Afonso Sousa e Tiago Cadete

Fotografias: Pedro Jafuno

Produção: Co-pacabana

Apoios: Servei de Nova Ciutadania; CNL Granollers; Casa-Atelier Vieira da Silva

Co-produção: Artemrede com os Municípios de Alcobaça e Pombal e Transversal, em parceria com o Município de Granollers, em Tandem no âmbito do projeto Stronger Peripheries: A Southern Coalition

Residências artísticas: Casa Varela – Centro de Experimentação Artística e Cine-Teatro de Alcobaça João d’Oliva Monteiro, CAM – Centre d’Arts en Moviment Roca Umbert (Centre for Moving Arts) e TAG – Teatre Auditori de Granollers / Llevant Teatre

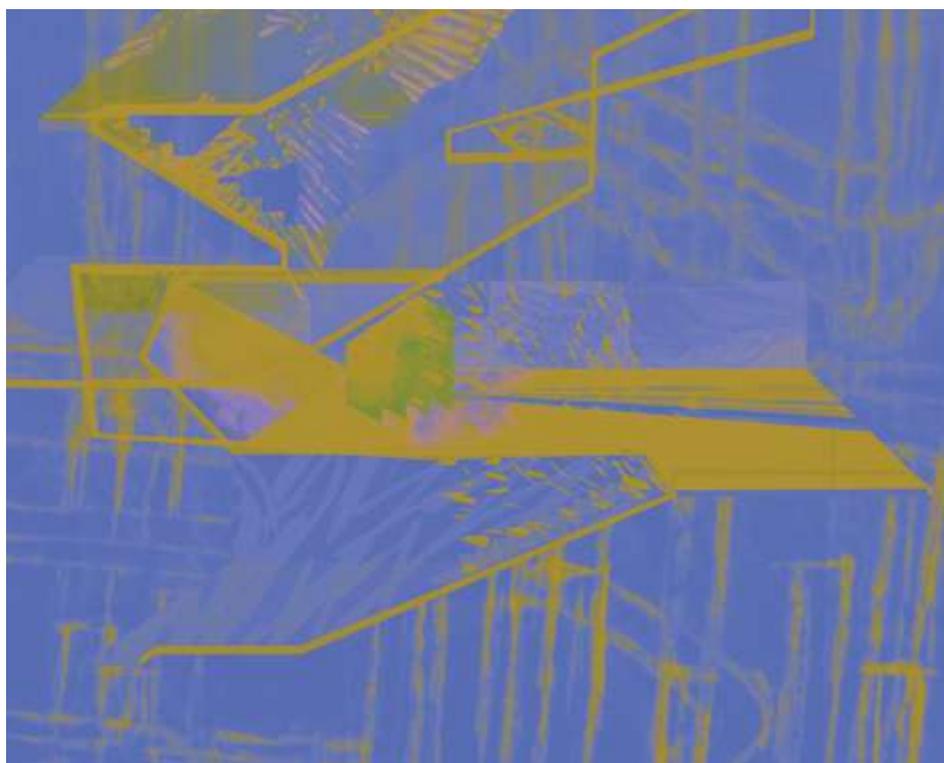
Residência técnica: Centro Cultural da Malaposta

Projeto financiado por: Stronger Peripheries: A Southern Coalition, co-financiado pelo programa Europa Criativa da União Europeia e pela República Portuguesa - Cultura / Direção-Geral das Artes

Who are the new migrants? And what desires do they have when they migrate to the country that colonised them? Continuing his theatrical, visual and sound research that challenges a critical look at the historical relationship between Portugal and Latin America, Tiago Cadete’s new project takes the form of a large-scale installation, “Concerto”, for the first time.

This installation was created from interviews with 30 migrants from 20 Latin American countries, trying their luck in Portugal and Spain, whose testimonies make up the text of this performative installation. At Fábrica da Cerveja, in Faro, we hear a

migrant symphony, a concert made up of multiple voices of Latin American migrants. The capacity for listening and curiosity that is activated in the spectator, through 20 speakers pointed in their direction, makes them witnesses and accomplices of a sound score that reveals contemporary migratory processes in juxtaposition with colonial history. A concert that makes us project, through listening and imagination, the body and the processes of crossing that each of them made until arriving there, in front of us.



NEUSA TROVOADA (AO/PT) ZIA SOARES (AO/PT)

Faro “CHORUS 1.8 – LATENTE” “CORO DOS ASSOMBRADOS”

INSTALAÇÃO NOVA CRIAÇÃO

FARO

■ 06.09 a 15.10

Fábrica da Cerveja

Inauguração:

06.09 (quarta), 19h

Terça a quinta e domingo: 15h–20h

Sexta e sábado: 15h–22h

Entrada livre

M/6

PERFORMANCE

FARO

■ 16.09 (sábado), 21h30

Fábrica da Cerveja

5€ / 3€ (-30 anos)

M/12

Nascida em Angola e residente em Portugal, Neusa Trovoada tem apresentado o seu trabalho como cenógrafa e artista visual em vários espaços do país, passando, por exemplo, pela Culturgest, Fundação Calouste Gulbenkian ou o Instituto. Participa regularmente em projetos e estruturas de investigação e promoção artística junto de criadores de comunidades racializadas.

Na Fábrica da Cerveja, em Faro, que acolhe a exposição coletiva “Presente Invisível”, inaugura a exposição “Chorus 1.8 – Latente”. Depois de pensar as potências da boca e do grito, Neusa Trovoada apresenta-nos um conjunto de obras que nos levam, ao contrário, para o

Em diálogo com a exposição de Neusa Trovoada, a encenadora e atriz Zia Soares—a primeira mulher negra a dirigir uma companhia teatral portuguesa—apresenta a performance “Coro dos Assombrados”, no terraço da Fábrica da Cerveja. A artista investiga as relações de poder coloniais e pós-coloniais a partir de um universo poético e plástico que forja uma contra-memória para a Europa.

Com texto de uma das vozes contemporâneas mais fortes do movimento feminista negro, Djaimilia Pereira de Almeida, a performance reúne um conjunto de vocais inquietantes enquanto reflete sobre silenciamentos históricos e a potência política e subjetiva da voz.

interior, para o pulsar latente, para as profundezas que atravessam tempos e lugares. Dando-nos a ver, ou a pressentir, as estratégias ocultas de sobrevivência e os movimentos impressos na arqueologia de gestos de resistência, a artista inverte os planos para buscar respostas: o subterrâneo vem à superfície e traz, com ele, pistas para um futuro possível, ecológica e socialmente mais responsável.

Autoria e direção: Neusa Trovoada

Composição musical da peça “de composição de um grito”: Xullaji

Comissão: BoCA – Biennial of Contemporary Arts

Coro dos Assombrados dá-se na boca. Anda de boca em boca até entrar na minha. Engulo peles desfeitas e ossos de corpos que vêm de lá, do outro lado, misturados com sapatos e lamentos, para me encontrar. A boca devoradora tem de expelir estes corais salgados. E depois de sangrar o sal das feridas, a boca, couraçada, adormece na noite dos silêncios cintilantes.

Zia Soares

Texto: Djaimilia Pereira de Almeida

Instalação: Neusa Trovoada

Vídeo e interação: Cláudia Seivas

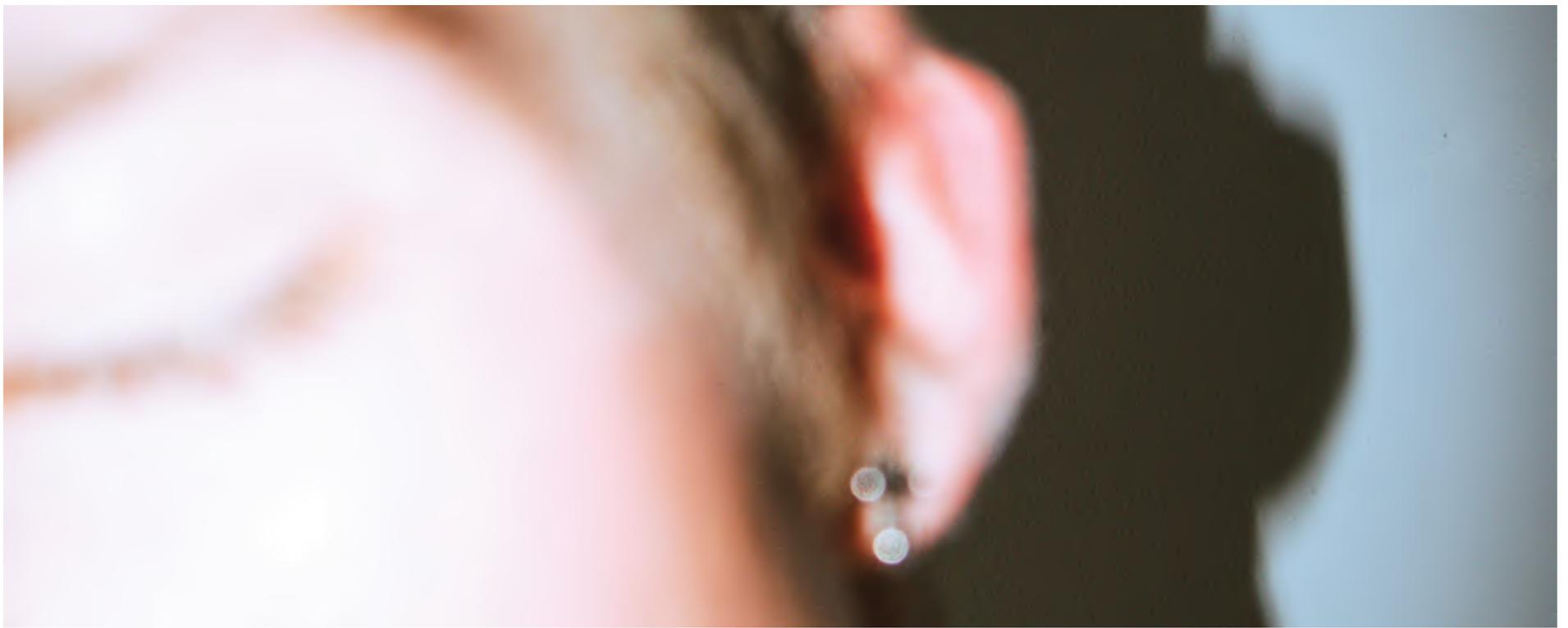
Música: Xullaji

Atuação: Zia Soares, Carlos Trovoada

Born in Angola and living in Portugal, Neusa Trovoada has presented her work as a set designer and visual artist at various venues across the country, including Culturgest, the Calouste Gulbenkian Foundation and INSTITUTO. She regularly participates in projects and structures for research and artistic promotion with creators from racialised communities.

At Fábrica da Cerveja, which hosts the group exhibition “Invisible Present”, Neusa Trovoada opens the exhibition “CHORUS 1.8 – latente”. After thinking about the

powers of the mouth and the scream, the artist presents us with a set of works that take us inwards, to the latent pulse, to the depths that cross times and places. As part of Neusa Trovoada’s “CHORUS 1.8 - latente”, director and actress Zia Soares presents “Coro dos Assombrados”. With a text by one of the strongest contemporary voices in the Black feminist movement, Djaimilia Pereira de Almeida, the performance brings together a set of disturbing vocals while reflecting on historical silencing and the political and subjective power of the voice.



JOÃO MELO / GLANTOSZ (PT)

Faro

“INCORPÓREO”

INSTALAÇÃO NOVA CRIAÇÃO

FARO

■ 06.09 a 15.10

Fábrica da Cerveja

Inauguração e performance:

06.09 (quarta), 19h

Terça a quinta e domingo: 15h–20h

Sexta e sábado: 15h–22h

Entrada livre

“Incorpóreo” é uma das mais desafiantes exposições a solo de Glantosz (João Melo), jovem fotógrafo de Faro que, com apenas 18 anos, aborda com complexidade temas como o conflito, a sensibilidade e o problema da responsabilização no mundo contemporâneo.

As intervenções visuais de Glantosz, que integram a exposição “Presente Invisível”, na Fábrica da Cerveja, trazem na sua essência duas provocações: “serei eu um destes elementos-tipo habitualmente invisíveis da sociedade que o artista retrata? Serei eu um dos cegos que desvia o olhar destas figuras?”

Dividida em três partes, o artista expõe a frontalidade daquilo que urge reconhecimento: as nove identidades

da invisibilidade (As Janelas, que aludem à própria arquitetura do edifício da Fábrica), os espaços públicos ignorados da cidade (As Ruas) e as vítimas historicamente relegadas à indiferença ou ao encobrimento (A Obra).

“Incorpóreo” serve como um conjunto de gatilhos para o “hipócrita comum” ou uma lanterna numa floresta escura de corpos e identidades. Inaugurando com uma performance no dia 6 de setembro, o projeto cruza as arquiteturas das janelas e paredes do edifício da Fábrica da Cerveja com as arquiteturas do sensível, do espaço público e do corpo.

Comissão: BoCA – Biennial of Contemporary Arts

M/6

“Incorporeal” is one of the most challenging solo exhibitions by Glantosz (João Melo), a young photographer from Faro who, at the age of 18, addresses complex themes such as conflict, sensitivity and the problem of accountability in the contemporary world.

Glantosz’s visual interventions, which are part of the exhibition “Presente Invisível” at the Fábrica da Cerveja, essentially raise two questions: “Am I one of these usually invisible elements of society that the artist portrays? Am I one of the blind people who look away from these figures?”

Divided into three parts, the artist exposes the frontality of what urgently needs to be recognised: the nine identities of invisibility (The Windows, which allude to the very architecture of the Fábrica), the ignored public spaces of the city (The Streets) and the victims historically relegated to indifference or concealment (The Work).

“Incorpóreo” serves as a set of triggers for the “common hypocrite” or a torch in a dark forest of bodies and identities. Opening with a performance on 6 September, the project intersects the architectures of the windows and walls of the Fábrica da Cerveja building with the architectures of the sensitive, the public space and the body.



© Raquel Rocha

RITA GT (PT)

Faro

“UNEARTHING”

VÍDEO-PERFORMANCE

FARO

■ 06.09 a 15.10

Fábrica da Cerveja

Inauguração:

06.09 (quarta), 19h

Terça a quinta e domingo: 15h–20h

Sexta e sábado: 15h–22h

Entrada livre

14 min., em loop

M/6

Rita GT é artista multidisciplinar, crítica e interventiva. No seu trabalho, aborda temáticas urgentes como a memória, a identidade, os direitos humanos e as relações coloniais, valendo-se de linguagens performáticas e visuais que, muitas vezes, implicam o seu próprio corpo. Em “Unearthing”, Rita GT coloca em foco a colonização patriarcal, refletindo sobre o lugar das mulheres na política expansionista global, usando o barro, a cerâmica, e o canto como processos catalisadores.

A vídeo-performance—culminar de uma residência artística que Rita GT realizou no Yorkshire Sculpture Park, Reino Unido—apresenta a voz do grupo tradicional

Cantadeiras do Vale do Neiva e o movimento das bailarinas Piny e Isa Santos, tendo como cenário o espaço da antiga Fábrica de Louça de Viana do Castelo. O elemento coral evoca canções e cantos que viajaram nas vozes das mulheres, preservando a sua diversidade linguística e os provincianismos presentes nas letras e na interpretação.

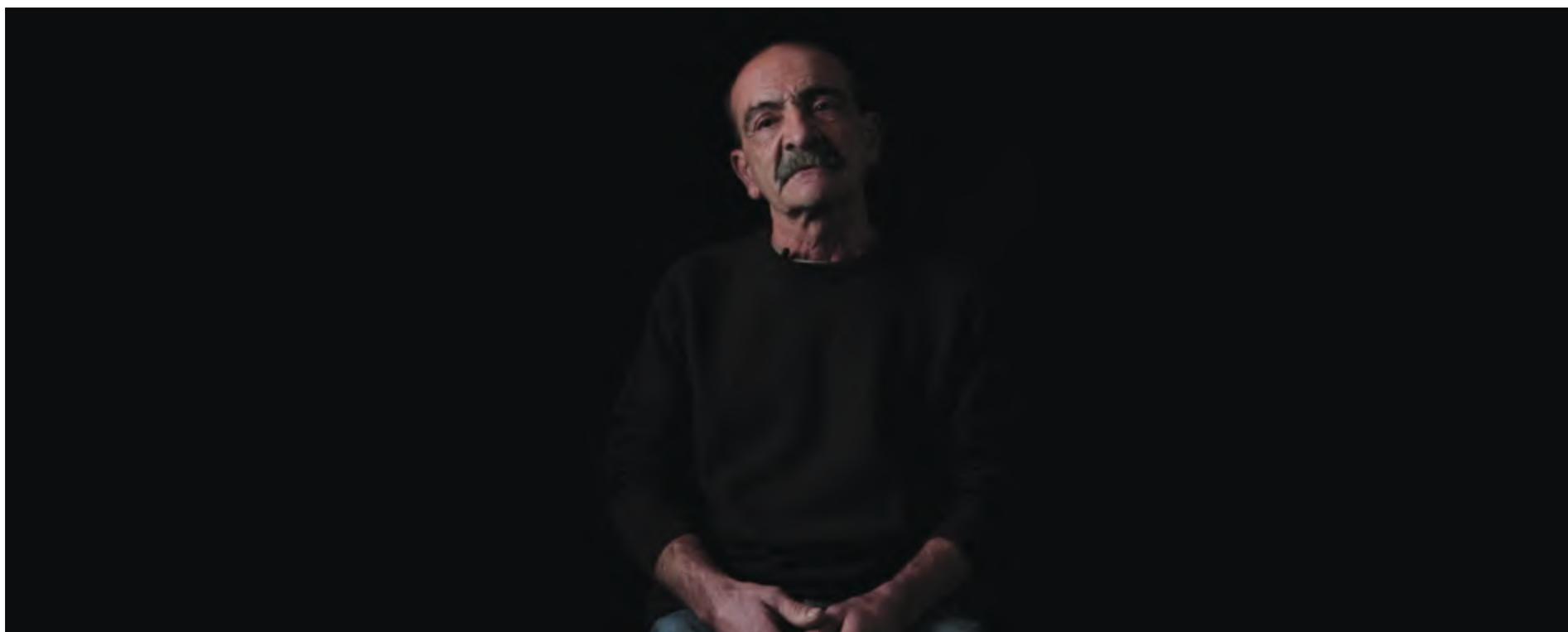
“Unearthing” afirma-se, assim, como um ato de reconhecimento e de “desenterrar” da história esquecida das mulheres que, durante a era colonial, foram obrigadas a deixar as suas terras, as suas casas e a emigrar para vários pontos do mundo.

Rita GT is a multidisciplinary, critical and interventional artist. In her work, she addresses urgent issues such as memory, identity, human rights and colonial relations, using performative and visual languages that often involve her own body. In “Unearthing” (2021), Rita GT brings patriarchal colonisation into focus, reflecting on the place of women in global expansionist politics, using clay, ceramics and singing as catalysing processes.

The video-performance—the culmination of an artistic residency that Rita GT undertook in 2018 at the Yorkshire Sculpture Park, United Kingdom—features the

voice of the traditional group Cantadeiras do Vale do Neiva and the movement of the dancers Piny and Isa Santos, set at the former Louça Factory in Viana do Castelo. The choral element evokes songs and chants that have travelled in the voices of women, preserving their linguistic diversity and the provincialisms present in the lyrics and interpretation.

“Unearthing” is thus an act of recognising and excavating the forgotten history of the women who, during the colonial era, were forced to leave their lands and homes and emigrate to various parts of the world.



SALOMÉ LAMAS (PT)

Lisboa

“TERRA DE NINGUÉM”

INSTALAÇÃO-VÍDEO

LISBOA

■ 07.09 a 07.10

Terça a domingo: 10h–18h

Segunda: 14–18h

Igreja de São Pedro de Alcântara
(a igreja localiza-se em frente
do Miradouro de São Pedro
de Alcântara, no Bairro Alto)

Acesso livre

72 min., em loop
M/16

Uma sala vazia e uma cadeira. Neste lugar de ninguém, José Paulo Sobral de Figueiredo vai descrevendo a sua vida como comando, mercenário e sem-abrigo. O pós-apocalipse segundo Salomé Lamas chama-se “Terra de Ninguém” e recolhe o testemunho de um antigo comando português tornado mercenário. É uma história de violência que começa com a guerra colonial portuguesa e se instala num limbo, numa “terra de ninguém”, entre a realidade e a ficção.

Paulo oferece retratos sublimados das crueldades e paradoxos do poder, assim como das revoluções que o depuseram, para erguer novas burocracias, novas crueldades e paradoxos.

A apresentação deste filme poderoso de Salomé Lamas na Igreja de São Pedro de Alcântara oferece um novo olhar sobre este objeto artístico e sobre Paulo, que é entrevistado, que se confessa ao olhar do público e que parece procurar a redenção neste espaço sagrado. A que estará condenado?

Direção e guião: Salomé Lamas

Produção: O Som e a Fúria

Produtores: Luís Urbano, Sandro Aguilar

Com: Paulo de Figueiredo, Chiquinho and Alcides

Direção de fotografia: Takashi Sugimoto

Som e mixagem: Bruno Moreira

Montagem: Telmo Churro

Correção de cor: Paulo Américo

Equipamento de som e imagem: Screen Miguel Nabinho

Estúdio de montagem: O Som e a Fúria

Estúdio de som: Sunflag

Laboratório: Bikini

Apoio: Fundação Calouste Gulbenkian, Óbvio Som, Bikini, Carpe

Diem Arte e Pesquisa, Screen Miguel Nabinho

Distribuição: Shellac Sud, O Som e a Fúria, Abordar Casa de

Películas, Zon Lusomundo

An empty room and a chair. In this no-man’s land, José Paulo Sobral de Figueiredo describes his life as a commando, mercenary and homeless man. The post-apocalypse, according to Salomé Lamas, is called “Terra de Ninguém” [No Man’s Land] and collects the testimony of a former Portuguese commando turned mercenary, whose veracity cannot be reliably proven. The film was therefore set in limbo, in a “no man’s land” between reality and fiction. It’s a story of violence that begins with the Portuguese colonial war, a film that won four awards at DocLisboa 2012. Paulo offers sublimated portraits of the cruelties and paradoxes of power, as well as the revolutions that overthrew it, only to erect new bureaucracies, new cruelties

and paradoxes. His work as a mercenary lies on the fringes of these two worlds. As soon as there is a political reversal, he is no longer protected and is arrested. “Deep down, we realise that he’s just a small piece in a much bigger game of power. We realise that politics and the justice system are not two separate things and that justice is not blind. He ends up living on the margins of society,” concludes Lamas. The presentation of this powerful film by Salomé Lamas at the Church of São Pedro de Alcântara offers a new look at this artistic object and at Paulo, who is interviewed, who confesses to the public eye and who seeks his redemption in this sacred space. What will he be condemned to, according to his words, in the light of the sacred?



CLÁUDIO DA SILVA, CAROLINA DOMINGUEZ & PEDRO PAIVA (PT) Lisboa **“WOYZECK, FUK’EM’OL!”**

ESPETÁCULO
NOVA CRIAÇÃO

LISBOA

- 07.09 a 09.09 (quinta a sábado)
 - 12.09 a 16.09 (terça a sábado)
 - 19.09 a 23.09 (terça a sábado)
- 19h30

ZDB Marvila / Armazéns Abel
Pereira da Fonseca

10€ / 7,5€ (grupos 4 pax)

120 min.
M/12

O ator e criador Cláudio da Silva, em colaboração com o artista visual e realizador Pedro Paiva e a atriz Carolina Dominguez juntam-se para um projeto que pretende refletir sobre um manifesto, sob a forma teatral, que continua ainda hoje a identificar as estratégias de perversão da dignidade humana: “Woyzeck” de Georg Büchner. Esta é a primeira vez que o artista visual e realizador Pedro Paiva se adentra no território do teatro, juntamente com Cláudio da Silva, com quem colaborou num dos seus filmes, ainda por estrear, e que aborda precisamente “Woyzeck”.

Escrito em 1896, “Woyzeck” de Georg Büchner é apenas um fragmento, quatro manuscritos inacabados, destruídos pelo tempo, que só nos finais do século XIX viriam a ser publicados. Desde então até hoje este texto

brevíssimo e misterioso não cessa de inquietar o teatro contemporâneo que nele tem sucessivamente ido buscar algumas das suas questões mais urgentes. Baseado em acontecimentos reais, o texto de Büchner dramatiza o caso de um homem condenado à morte por um crime passionnal. Cláudio da Silva, Carolina Dominguez e Pedro Paiva propõem-se com “Woyzeck, Fuk’em’ol!” uma reescrita cénica deste documento de Büchner, cruzando a sua dramaturgia com o Manifesto de Hesse e material recolhido das cartas do autor.

Encenação, dramaturgia, interpretação, instalação, luz, som:
Cláudio da Silva, Carolina Dominguez e Pedro Paiva
Co-produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts, Colectivo 84, ZDB

The actor and creator Cláudio da Silva, in collaboration with the visual artist and director Pedro Paiva and the actress Carolina Dominguez, have joined forces for a project that aims to reflect on a manifesto, in the form of theatre, that continues to identify strategies for the perversion of human dignity: Georg Büchner’s “Woyzeck”. This is the first time that the visual artist and director Pedro Paiva has entered the territory of theatre, together with Cláudio da Silva, with whom he collaborated on one of his films, still to be released, and which deals precisely with “Woyzeck”. Written in 1896, Georg Büchner’s “Woyzeck” is only a fragment, four unfinished

manuscripts, destroyed by time, which would only be published at the end of the 19th century. From then until today, this very short and mysterious text has never ceased to disturb contemporary theatre, which has successively sought in it some of its most urgent questions. Based on real events, Büchner’s text dramatises the case of a man sentenced to death for a crime of passion. Cláudio da Silva, Carolina Dominguez and Pedro Paiva propose with “Woyzeck, Fuk’em’ol!” a scenic rewriting of this document by Büchner, crossing his dramaturgy with the Hesse Manifesto and material collected from the author’s letters.



JOÃO DOS SANTOS MARTINS COM ANA JOTTA, JOANA SÁ & FILIPE PEREIRA (PT)

Lisboa | Faro

“ESTÁ VISTO”

ESPETÁCULO NOVA CRIAÇÃO

LISBOA
■ 08.09 a 10.09
(sexta a domingo), 19h30
Academia das Ciências

15€ / 10€ (-30 anos)

FARO
■ 15.09, 21h30 (sexta)
Club Fareense

10€

60 min.
M/12

Um bailarino que não sabia dançar, um cantor que não sabia cantar, um ator que não sabia atuar, um escritor que não sabia escrever, um pintor que não sabia pintar. Um bailarino que cantava, um escritor que pintava, um ator que escrevia. Era preciso saber-se fazer para saber-se ser. Enquanto as linhas ténues que separam o ser do fazer, o eu da ação, a coisa do sujeito, são confusas, há algo que permanece inapto e disfuncional. Um monstro que não cumpre a função.

João dos Santos Martins

“Está Visto” (Interlúdio lírico, 2023) é o título da nova peça a solo de João dos Santos Martins em colaboração com a pianista e compositora Joana Sá e a artista visual Ana Jotta. Partindo do ciclo de canções Dichterliebe [Amor(es) de poeta], compostas por Robert Schumann em 1840, a peça apresenta-se em formato de recital, procurando com que as práticas de canto, piano e dança interajam e transbordem umas nas outras. As canções de estilo romântico, com poesia de Heinrich Heine, falam

de amor não correspondido. Esta falta de reciprocidade reproduz-se em ideias coreográficas que desarticulam a linguagem, fracionando o gesto com as letras das canções, o som e a escuta num corpo em atravessamento.

Performance: João dos Santos Martins, Joana Sá, piano e outros
Música: Dichterliebe de Robert Schumann, (des)arranjos de Joana Sá

Guarda-roupa: J & Faísca

Luz: Filipe Pereira

Apoio vocal: Rui Baeta

Coprodução: BoCA - Biennial of Contemporary Arts (Lisboa), Associação PARASITA (Lisboa), Vaga (Ponta Delgada)

Residências artísticas: Estúdios Victor Córdon (Lisboa), Casa da Dança (Almada), DeVIR CAPa (Faro), Espaço PARASITA, Grand Studio (Bruxelas)/Materiais Diversos (Lisboa), Vila Sul Goethe Institut Salvador (Salvador da Bahia), Goethe Institut (Lisboa), Salão Nobre da Escola Superior de Educação de Lisboa (Lisboa)

Produção e administração: Sofia Lopes e Lysandra Domingues | Associação PARASITA

Agradecimentos: Joana Nascimento, Cláudia Dias

A PARASITA é uma estrutura financiada pela República Portuguesa – Ministério da Cultura/Direção-Geral das Artes no biênio 2023-2024.

“A dancer who could not dance, a singer who could not sing, an actor who could not act, a writer who could not write, a painter who could not paint. A dancer who sang, a writer who painted, an actor who wrote. One had to know how to do in order to know how to be. While the fine lines that separate being from doing, the self from action, the thing from the subject are blurred, there is something that remains inept and dysfunctional. A monster that fails to fulfil its function.” (João dos Santos Martins) “Está visto” (Lyrical interlude, 2023) is the title of the new solo piece by João dos Santos Martins in collaboration with pianist and composer Joana Sá and visual artist

Ana Jotta. Based on the song cycle “Dichterliebe” [Poet’s Love(s)], composed by Robert Schumann in 1840, the piece is presented in recital format, seeking to make the practices of singing, piano and dance interact and overflow into each other. The romantic-style songs, with poetry by Heinrich Heine, speak of unrequited love. This lack of reciprocity is reproduced in choreographic ideas that disarticulate the language, fractioning the gesture with the lyrics of the songs, the sound and the listening in a body in movement and crossing.



MARCUS LINDEEN (SE)

Lisboa

ESPETÁCULO ESTREIA NACIONAL

LISBOA

Orlando & Mikael

- 09.09 (sábado), 19h30
- 10.09 (domingo), 17h30

Em francês, com legendas em português
(disponibilizadas via *smartphone*)

L'Aventure Invisible

- 09.09 (sábado), 21h30
- 10.09 (domingo), 19h30

Em francês, com legendas em português e
inglês (disponibilizadas via *smartphone*)

Teatro do Bairro Alto

12€ (cada espetáculo)
18€ (passe para os dois
espetáculos)

75 min. (cada espetáculo)
M/12

Orlando e Mikael conhecem-se na gravação de uma entrevista sobre a sua operação de mudança de género. Uma conversa íntima sobre escolhas substanciais, o desejo de ser amado e o sonho de se encontrar. Somos outra coisa para além da soma dos múltiplos papéis que tentamos desempenhar? Este “eu” que as personagens perseguiram no seu corpo a vida inteira sem nunca o alcançar existe mesmo?

Texto e encenação: Marcus Lindeen
Colaboração artística, dramaturgia e tradução: Marianne Ségol-Samoy
Com: Samia Ferguene e Jó Bernardo
Música e conceção sonora: Hans Appelqvist
Cenografia: Mathieu Lorry-Dupuy
Figurinos: Charlotte Le Gal
Luz: Diane Guérin
Casting: Naelle Dariya
Gravações das vozes: Kévin Lelanier, Pierre Maillet
Direção de cena, operação de luz e vídeo: Dimitri Blin
Operação de som: Antoine Quoniam
Produção: Comédie de Caen–CDN de Normandie no quadro do Pôle Européen de création e companhia Wild Minds
Coprodução: Le Méta–CDN de Poitiers Nouvelle-Aquitaine, T2G–CDN de Gennevilliers, Festival d'Automne à Paris
Apoio à criação: Drac Île-de-France
Apoio à tradução: Swedish Arts Council
Apoio: Sonia och Gustav Forssius Stiftelse
Revisão de linguagem inclusiva no texto sinóptico em português: André Tecedero e Laura Falésia

Estes espetáculos são apresentados com o apoio do Institut Français e do projeto MaisFRANÇA, uma temporada concebida pelo Institut Français du Portugal com o apoio dos mecenas Claude & Sofia Marion Foundation, JC Decaux, BNP Paribas, Mexto e Credibom.

**MAIS
FRANÇA**

“ORLANDO & MIKAEL” “L’AVENTURE INVISIBLE”

Através dos itinerários excepcionais de três pessoas obrigadas a reinventar-se, “L’Aventure Invisible” convida-nos a seguir o curso de uma aventura interior, onde nenhuma pergunta é demasiado íntima para ser feita. Uma cientista americana especialista no cérebro que sofreu ela própria um AVC. Com 37 anos, perdeu todas as memórias e teve de reinventar a sua personalidade a partir do zero. Um homem que nasceu com uma doença degenerativa e foi o primeiro paciente a receber um transplante facial total. Uma cineasta experimental, que ficou obcecada pela misteriosa obra fotográfica de Claude Cahun, descobre uma forma radical de pensar a identidade reivindicando o género neutro.

Texto e encenação: Marcus Lindeen
Colaboração artística, dramaturgia e tradução: Marianne Ségol-Samoy
Com: Claron McFadden, Tom Menanteau e Franky Gogo
Baseado em entrevistas com Jill Bolte Taylor, Jérôme Hamon e Sarah Pucill
Música e conceção sonora: Hans Appelqvist
Cenografia: Mathieu Lorry-Dupuy
Luz: Diane Guérin
Filme: Sarah Pucill
Direção de cena, operação de luz e vídeo: Dimitri Blin
Operação de som: Antoine Quoniam
Produção: Comédie de Caen–CDN de Normandie no quadro do Pôle Européen de création
Coprodução: T2G–CDN de Gennevilliers, Festival d'Automne à Paris
Apoio: Institut Français, Ministério da Europa e dos Negócios Estrangeiros, Ministério da Cultura e Cité Internationale des Arts, Festival Les Boréales, Swedish Arts Grants Committee

“Orlando & Mikael” and “L’Aventure Invisible” are part of a documentary trilogy created by Swedish director and filmmaker Marcus Lindeen about identity, death and transformation - two works that invite us on an inner adventure where no question is too intimate to ask. In the first play, Orlando and Mikael meet for the first time in a recorded interview about their sex change operation. Both were men, became women and, regretting their transformation, decided to become men again.

A moving conversation about irrevocable choices, the desire to love and the dream of finding oneself. In the second show, three characters are forced to re-evaluate the building blocks of their individualities: a neurologist who loses her memories after a stroke, a queer filmmaker who uses art as a form of death ritual to connect with a forgotten photographer, and the world’s first transplant patient to receive a new face from a dead man.



AGNIESZKA POLSKA (PL/DE)

Lisboa | Faro

“THE TALKING CAR”

ESPETÁCULO NOVA CRIAÇÃO

LISBOA

■ 14.09 e 15.09 (quinta e sexta), 21h
Culturgest

14€ / 7€ (-30 anos) / 9,80€
(estudantes e prof. do espetáculo)

FARO

■ 23.09 (sábado), 21h30
Teatro das Figuras

10€

75 min.
M/14

Em inglês, com legendas em português

Agnieszka Polska aborda temas relacionados com a crise ecológica, catástrofes ambientais e humanitárias. A artista polaca e residente em Berlim, premiada com o prestigioso National Gallery Prize (Berlim), é autora de obras alucinógenas e hipnóticas, que propõem experiências imersivas, fazendo-nos refletir sobre a linguagem, a história, a ciência e ativar uma consciência crítica da responsabilidade social e individual num mundo de pós-verdade.

A convite da BoCA, Polska cria a sua primeira peça de teatro, “The Talking Car”, com um elenco português, polaco e norte-americano, onde se inclui Albano Jerónimo, Iris Cayatte e Vera Mantero, Bartosz Bielenia e Aaron Ronelle. Em cena, vemos um grupo de pessoas a tentar encontrar uma saída de um carro em alta velocidade. São acompanhados por uma marioneta digital de grande escala, que canta e observa as suas lutas com terna curiosidade. As personagens dentro do carro, a caminho de um destino em constante mudança, exploram uma diversidade de papéis, géneros e estados emocionais. Música atmosférica e repetitiva e animações hipnóticas projetadas fazem crescer a melancolia deste conto imersivo: um conto sobre o papel de alguém preso no complexo sistema que combina agentes humanos e não-humanos, e infraestruturas sociotecnológicas.

Texto e direção: Agnieszka Polska

Tradução: Joana Frazão

Com: Albano Jerónimo, Aaron Ronelle, Bartosz Bielenia, Iris Cayatte e Vera Mantero

Voz off: Jaśmina Polak

Apoio dramaturgico: Olga Drygas

Música: Igor Klaczyski

Desenho de luz: Rui Monteiro

Técnico de vídeo e som: André Teixeira

Animador de marioneta digital: Jeremy Coubrough

Animação de vídeos em cena: Ewa Polska

Direção de produção: Hugo Alves Carocha

Administração: Joana Portela

Comissão e produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts

Coprodução: deSingel, Nowy Teatr

Residência artística: Goethe Institut Lisboa

Parceria de apresentação: Culturgest

Agnieszka Polska addresses topics related to the ecological crisis, environmental and humanitarian catastrophes. The Polish artist, awarded with the renowned National Gallery Prize (Berlin), is the author of hallucinogenic and hypnotic artworks, which propose immersive experiences, making us reflect on language, history, science and activate a critical awareness of the social and individual responsibility in a post-truth world.

Under an invitation from BoCA, Polska creates her first theatre piece, “The Talking Car”, with a mixed cast of Portuguese, Polish and American actors including Albano

Jerónimo, Iris Cayatte and Vera Mantero, Bartosz Bielenia and Aaron Ronelle. On stage, we see a group of people trying to find a way out of a speeding vehicle. They are accompanied by singing, large-scale digital puppets, observing their struggles with tender curiosity. The performers inside the car, on their way to an ever-changing destination, explore a variety of roles, genres and emotional states. Atmospheric, repetitive music and hypnotic background animations enhance the melancholy of this immersive tale: a tale about one’s role in the complex system combining human and nonhuman agents and socio-technological infrastructures.



© Bruno Simão

GAYA DE MEDEIROS (BR)

Lisboa

“CAFEZINHO”

NOVA CRIAÇÃO
WORK IN PROGRESS

LISBOA

■ 15.09 (sexta), 19h
■ 16.09 (sábado), 15h
Estúdios Victor Córdon

8€ / 5€ (-30 anos)

60 min.
M/12

Gaya de Medeiros, artista brasileira a residir em Portugal, usa a dança para transformar as suas inquietações em emoção, beleza e suor. A sua performance “Atlas da Boca”, co-criação com Ary Zara, foi considerada um dos melhores espetáculos de 2022. Convidada pela BoCA para se adentrar no universo de Pina Bausch, Gaya de Medeiros empenha-se na sua militância dos afetos para investigar neste novo projeto formas de esperança ou o esforço de “esperançar”. A partir do ambiente proposto no emblemático espetáculo “Café Müller” (1978) de Pina Bausch, que curiosamente se dançou pela última vez em Lisboa, e daquelas personagens que apresentam uma relação muito frágil com a vida, a coreógrafa e bailarina brasileira Gaya de Medeiros tece uma reflexão multigeracional sobre a depressão, o envelhecimento e o futuro.

Ao revisitar o clássico de Bausch, Gaya explora o paradoxo expressivo da dança enquanto ferramenta de comunicação e força misteriosa, opaca. Assim, ao percorrer aquele universo mórbido, angustiante e, por vezes, convulsivo, a performer convida o público a mergulhar nas suas pulsões de vida e morte, e a desacralizar o ato de estar vivo—menos um dever do que uma escolha.

Esta partilha pública tem lugar nos Estúdios Victor Córdon, precisamente onde Pina Bausch ensaiou em 1998 a sua criação sobre Lisboa, “Masurca Fogo”.

Criação e direção artística: Gaya de Medeiros
Co-criação e interpretação: Gaya de Medeiros, Jo Bernardo, Livia Espírito Santo e Helena Baronet
Apoio dramaturgico: Ana Rocha
Composição musical: Ricardo Almeida
Desenho de luz e espaço cénico: Tiago Cadete
Figurinista: Raphael Fraga
Gestão: Gustavo Monteiro / Sekoia – Artes Performativas
Produção: Luísa Teixeira / Sekoia – Artes Performativas
Residência artística: Estúdios Victor Córdon
Comissão e co-produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts
Coprodução: Sekoia - Artes Performativas

Gaya de Medeiros, Brazilian artist living in Portugal, uses dance to transform her concerns into emotion, beauty and sweat. Her performance “Atlas da Boca”, co-created with Ary Zara, was considered one of the best shows of 2022. Invited by BoCA to enter the universe of Pina Bausch, Gaya de Medeiros engages in her militancy of affections to investigate in this new project forms of hope or the effort “to hope”. Based on the environment proposed in Pina Bausch’s emblematic show “Café Müller” (1978), which curiously was last danced in Lisbon, and those characters who have a very fragile relationship with life, the Brazilian choreographer and dancer weaves

a multigenerational reflection on depression, ageing and the future. By revisiting Bausch’s classic, Gaya explores the expressive paradox of dance as a communication tool and a mysterious, opaque force. Thus, by traversing that morbid, distressing and sometimes convulsive universe, the performer invites the audience to dive into their pulsions of life and death, and to desacralise the act of being alive - less a duty than a choice.

This public sharing takes place in the Victor Córdon Studios, precisely where Pina Bausch rehearsed her 1998 creation about Lisbon, “Masurca Fogo”.



© Catherine Opie

LOLO & SOSAKU (AR / JP / ES)

Lisboa

V 金属を含む (V CONTÉM METAL)

PERFORMANCE NOVA CRIAÇÃO

FARO
■ 15.09, 23h
Fábrica da Cerveja

10€ / 7€ (-30 anos)

LISBOA
■ 16.09, 22h
MNAC – Museu de Arte Contemporânea

10€ / 8€ (-30 anos)

60-70min.
M/12

Lolo & Sosaku, uma das duplas mais inventivas das artes contemporâneas, investigam as possibilidades da escultura como campo expandido, na relação com a performance e o som. Criam projetos atentos à relação entre o espaço e o público, criações que procuram fricção e tensão, e exploram a capacidade de criar novos significados.

O seu trabalho transita entre diferentes linguagens artísticas como a escultura, a instalação, a arte cinética e a pintura, incorporando muitas vezes a música e o som. O seu modus operandi é constituir-se como sujeito e ir da sua materialidade maquinal à transcendência, ao misticismo e ao desconhecido.

A música eletrónica é certamente o destaque da sua inspiração como linguagem complexa traduzida em instalações sonoras e composições escultóricas. Formas, linhas, materiais e sons são reunidos em esculturas em movimento que atuam tomando a sua própria voz numa transformação contínua e imprevisível. Explorando

muitos horizontes artísticos e redefinindo fronteiras, o seu interesse é a energia e as forças ocultas que guiam a vida na nossa era tecnológica.

Na BoCA, criam uma nova performance que é apresentada em duas noites únicas, em Lisboa e Faro.

O trabalho de Lolo & Sosaku foi exibido e apresentado, entre outros, no Museo Reina Sofia (Madrid), Sónar Festival (Barcelona), Mira Festival (Barcelona), Teatre Lliure (Barcelona), Centre Pompidou (Paris), MACBA - Museu de Arte Contemporânea (Barcelona), PSA Power Station of Art (Xangai), MIS Museu da Imagem e do Som (São Paulo), Fundação Casa França Brasil (Rio de Janeiro), Sónar (Barcelona), Naves Matadero (Madrid), Night Time Story, (Los Angeles) Palácio da Cultura (Iasi), Galeria Luis Adelantado (Valência) e Instituto Cervantes (Milão).

Apoio: Iberescena



Lolo & Sosaku, one of the most inventive duos in contemporary art, investigate the possibilities of sculpture as an expanded field, in relation to performance, sculpture and sound. They create projects aimed at exploring the relationship between space and the public, creations that seek friction and tension, and explore the ability to create new meanings.

Their work transits between different artistic languages such as sculpture, installation, kinetic art and painting, often incorporating music and sound. The duo's modus operandi is to constitute himself as a subject and go from his mechanical materiality to transcendence, mysticism and the unknown.

Electronic music is certainly the highlight of his inspiration as a complex language translated into sound installations and sculptural compositions. Shapes, lines, materials and sounds are brought together in moving sculptures that act by taking

their own voice in a continuous and unpredictable transformation. Exploring many artistic horizons and redefining boundaries, their interest is the energy and hidden forces that have guided life in our technological age.

At BoCA, they create a new performance that is presented in two unique nights, in Lisbon and Faro.

Lolo & Sosaku's work has been presented at the Reina Sofia Museum (Madrid), Sónar Festival (Barcelona), Mira Festival (Barcelona), Teatre Lliure (Barcelona), Centre Pompidou (Paris), MACBA – Museum of Contemporary Art (Barcelona), PSA – Power Station of Art (Shanghai), MIS Museum of Image and Sound (São Paulo), Casa França Brasil Foundation (Rio de Janeiro), Naves Matadero (Madrid), Night Time Story, (Los Angeles) Palace of Culture (Iasi), Luis Adelantado Gallery (Valencia) and Instituto Cervantes (Milan), among others.



© Catherine Opie

PAUL B. PRECIADO (ES/FR)

Lisboa

“EU SOU O MONSTRO QUE VOS FALA”

CONFERÊNCIA-PERFORMANCE
ESTREIA NACIONAL

LISBOA

■ 17.09 (domingo), 17h
Culturgest

15€ / 7,5€ (-30 anos) / 10,5€
(estudantes e prof. do espetáculo)

120 min.
M/12

Em espanhol, com legendas em português

O filósofo e um dos principais ideólogos da teoria *queer*, Paul B. Preciado, proferiu no outono de 2019 um discurso para 3.500 psicanalistas reunidos nas Jornadas da Escola da Causa Freudiana, em Paris. Retomando o texto de Franz Kafka em que um macaco que aprendeu a linguagem humana se dirige a uma academia de cientistas, Paul B. Preciado dirige-se a uma assembleia de psicanalistas como um homem trans e uma pessoa de género não binário, não só para denunciar a violência estrutural que a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise infligem às pessoas consideradas homossexuais, trans, intersexuais ou não-binárias, mas também para convidar a psicanálise a abrir-se às mutações de género e sexuais que estão a ter lugar na contemporaneidade. Desde a jaula de “homem trans”, diagnosticado pela psicanálise como “doente mental” e “de género disfórico”, afirmou: “Eu sou o monstro que vos fala. O monstro que vocês próprios construíram com o vosso discurso e as vossas práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e toma a palavra.”

O espetáculo biopolítico de Preciado sai agora do livro e entra em palco. O texto passa agora a ser um monólogo coletivo lido a cinco vozes, dirigido não apenas

à comunidade psicanalista mas a cada um de nós e à nossa capacidade de abraçar a mudança e imaginar uma nova utopia. “Há uma proximidade histórica das pessoas que fomos expulsas do espaço público e que fomos empurradas para o espaço teatral”, diz Preciado.

Texto e direção: Paul B. Preciado

Com: Alex Silleras, Bambi, Víctor Viruta, Andy Díaz, Fabi Hernández

Colaboração artística cénica: Tanja Beyeler, Natalia Álvarez Simó

Assistência artística: Alexandru Stanciu

Coordenação técnica: Bela Nagy

Produção: Elena Martínez - ElenaArtesescenicas, em colaboração com Centro de Cultura Contemporânea Conde Duque

Equipa Conde Duque

Desenho de luz: Paco Ariza / Daniel Checa

Coordenação: Gabi Belvedere

Registo: Conde Duque Gema Monja

Agradecimentos: Luis Luque, Cartola Ferrer, Jessica Velarde, Equipa CCC Conde Duque e Ayuntamiento de Madrid

Este espetáculo é apresentado no âmbito da Noite das Ideias, com o apoio do Institut Français e do projeto MaisFRANÇA, uma temporada concebida pelo Institut Français du Portugal com o apoio dos mecenas Claude & Sofia Marion Foundation, JCDecaux, BNP Paribas, Mexto e Credibom.

**MAIS
FRANÇA**

Philosopher and one of the leading ideologues of queer theory, Paul B. Preciado was invited to speak in front of 3,500 psychoanalysts gathered at the Journées de L'École de La Cause Freudienne, in Paris, in the autumn of 2019. Drawing inspiration from Kafka's text in which a monkey who has learned human language addresses an academy of scientists, Paul B. Preciado addresses an assembly of psychoanalysts as a trans man and a non-binary person, not only to denounce the structural violence that psychiatry, psychology and psychoanalysis inflict on people considered

homosexual, trans, intersex or non-binary, but also to invite the psychoanalysis community to open up to the gender and sexual mutations that are taking place in contemporaneity.

Preciado's biopolitical spectacle now leaves the book and enters the stage. The text becomes a collective monologue read in five voices, addressed not only to the psychoanalytic community but to each of us and our capacity to embrace change and imagine a new utopia.



NOITE DAS IDEIAS – EXPERIMENTAR OS LIMITES, ATINGIR O EXCESSO

Lisboa

PROGRAMA

LISBOA

■ 17.09 (domingo)

17h–19h

Conferência-performance
“Eu sou o monstro que vos fala”, Paul B. Preciado

19h–20h

Instalação/aperitivo
“O Sabor da Noite”

20h–21h

Mesa redonda
“O género: plural, escandalosamente plural”

22h–23h30

Filme e mesa redonda
“A grande escalada da aceleração e da velocidade”

Culturgest

Curadoria: António Guerreiro

Atividades de entrada livre, com exceção da performance de Paul B. Preciado, que requer a aquisição de bilhete.

A Noite das Ideias, que se realizará em Lisboa no dia 17 de setembro, na Culturgest, associa-se a uma performance/leitura do filósofo trans Paul B. Preciado, “Eu sou um monstro que vos fala”, integrado no programa da BoCA - Biennial of Contemporary Arts. As questões levantadas por este espetáculo convidam a uma reflexão sobre fenómenos contemporâneos de proliferação, como é o caso do género, ou determinados por uma lógica do excesso, como é o caso da aceleração e velocidade. Ambos, género e aceleração, nas suas manifestações atuais, integram-se na regra da hipertelia, isto é, na lógica que consiste em ir para além dos seus próprios fins. E ambos são fortemente marcadas pelo “Mais ?”—pelo regime da proliferação e da intensificação— que, modalizado como interrogação, é a proposta temática geral da Noite das Ideias.

Nuit des Idées, which will take place in Lisbon on 17 September at Culturgest, is associated with a performance-conference by trans philosopher Paul B. Preciado, “Can the monster speak?”, integrated in the programme of BoCA. The questions raised by this performance invite a reflection on contemporary phenomena of proliferation, such as gender, or determined by a logic of excess, such as acceleration and speed. Both genre and

O programa contempla um momento de convívio com cocktails de NaMesa; uma mesa redonda intitulada “O género: plural, escandalosamente plural”, na qual Sinziana Ravini, P. Feijó e Cláudia Varejão discutem a força expansiva do sinal + na sigla LGBTQI+, sujeita a uma progressiva ampliação; um debate com o mote “A grande escalada da aceleração e da velocidade”, que contempla a projeção de três filmes da coleção do CNAP que fazem uma apologia sediciosa do ócio, dos ritmos corporais e dos gestos lentos do trabalho improdutivo, seguido de conversa com Laurent de Sutter, Jérôme Lèbre e Carla Baptista. As mesas redondas têm moderação de António Guerreiro.

Este programa é organizado em parceria com o Institut Français e o projeto MaisFRANÇA, uma temporada concebida pelo Institut Français du Portugal com o apoio dos mecenas Claude & Sofia Marion Foundation, JCDecaux, BNP Paribas, Mexto e Credibom.

**MAIS
FRANÇA**

acceleration, in their current manifestations, are part of the rule of hyperthelia, that is, the logic that consists in going beyond its own ends. And both are strongly marked by “More ?”—the regime of proliferation and intensification— which, modalised as interrogation, is the general thematic proposal of the Nuit des Idées (Night of Ideas).



© Ana Margarida Costa

JOÃO PAIS FILIPE & MARCO DA SILVA FERREIRA (PT)

Faro | Lisboa

“TERRA COBRE”

INSTALAÇÃO
PERFORMANCE
NOVA CRIAÇÃO

FARO

Instalação

■ 19.09 a 28.09

10h–18h (terça a sexta)

10h30–17h (sábado e domingo)

Performance

■ 28.09 (quinta), 19h

Museu Municipal de Faro

Entrada livre

LISBOA

Instalação

■ 30.09 a 15.10

(exceto segundas), 10h–19h

Performance

■ 30.09 (sábado), 19h

■ 01.10 (domingo), 19h

■ 14.10 (sábado), 19h

Estufa Fria

Instalação: 3,25€ / 1,63€

(estudantes)

Performance: 10€

60 min

M/6

“Terra Cobre” é uma nova criação do músico e escultor João Pais Filipe e do coreógrafo e bailarino Marco da Silva Ferreira. Nasce e expande-se a partir da vila de Alcáçovas (Alentejo), num processo criativo que cruza a arte chocalheira tradicional de Alcáçovas—método ancestral de um processo de fabrico manual—com práticas artísticas contemporâneas, ancoradas na percussão e na dança.

Tendo os chocalhos sido uma prática que a UNESCO declarou em 2015 como Necessidade de Salvaguarda Urgente, e sendo reescritas de simbologias uma característica de Pais Filipe e de Silva Ferreira—quer do universo da dança quer do universo da escultura e do som—“Terra Cobre” desafia a iconografia e simbologia tradicional portuguesa para a colocar num patamar exploratório e sensorial. O projeto aprofunda uma investigação em torno de um dispositivo que oferece premissas sonoras e coreográficas assentes no património material,

“Terra Cobre” is a new creation by musician and sculptor João Pais Filipe and the choreographer and dancer Marco da Silva Ferreira. It is born and expands from the village of Alcáçovas (Alentejo), in a creative process that crosses the traditional rattle art of Alcáçovas—ancestral method of a manual manufacturing process—with contemporary artistic practices, anchored in percussion and dance.

Since rattles were a practice that UNESCO declared in 2015 as an Urgent Salvage Need, and since rewriting symbologies

questionando as propriedades históricas e culturais destes objetos.

João Pais Filipe e Marco da Silva Ferreira já puderam marcar presença, individualmente, em edições anteriores da BoCA. Em 2019, a BoCA propôs a primeira exposição de gongos a João Pais Filipe, “Voluta”, que se apresentou na Casa do Volfrâmio / Mosteiro de Tibães. No mesmo ano, em Lisboa, Marco da Silva Ferreira foi protagonista de “Silent Disco”. É curioso constatar como o som, o ruído e o silêncio ocupam o imaginário de ambos os artistas, sob diferentes camadas de interesse e materialidade, que agora juntamos para esta nova criação em 2023.

Produção executiva: Ana Ademar, Hugo Alves Carocha

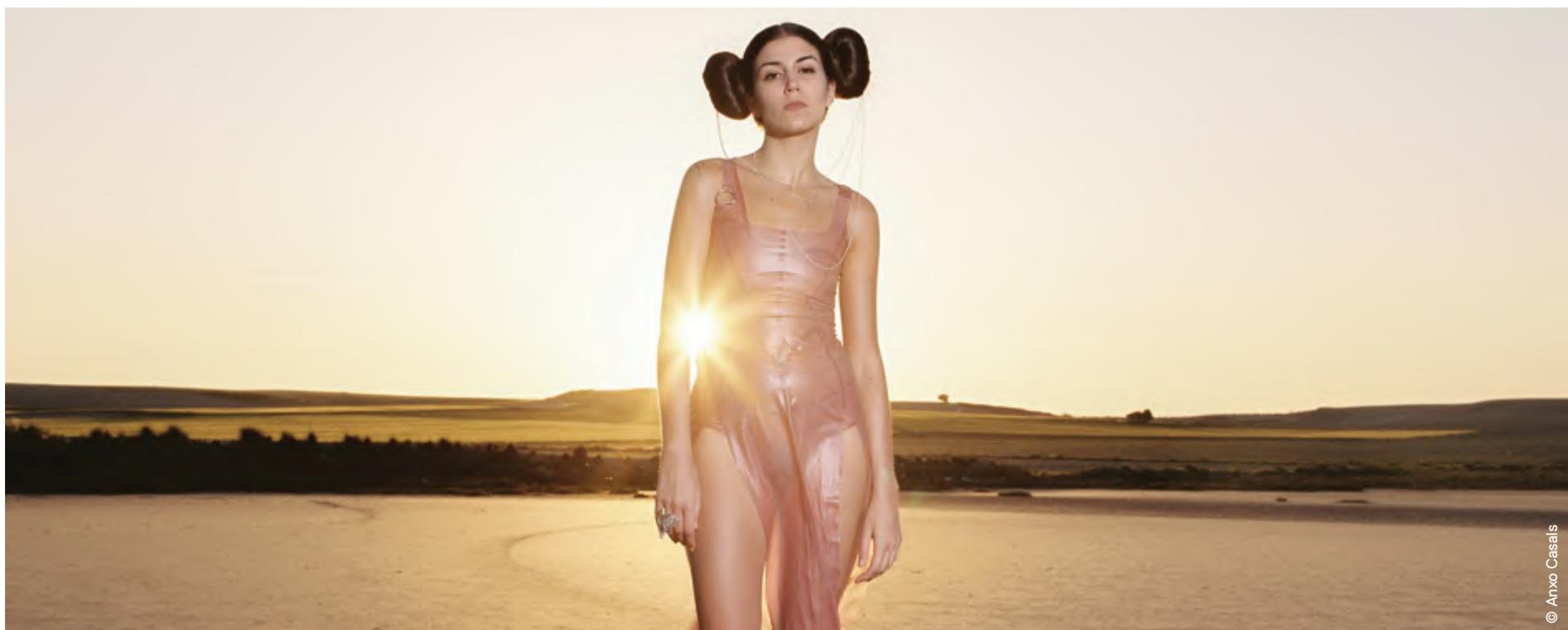
Encomenda: Futurama

Co-produção: BoCA - Biennial of Contemporary Arts, P-ulso

Residência artística: O Espaço do Tempo

Apoios: Câmara Municipal de Viana do Alentejo, Direção Regional de Cultura do Alentejo, Fábrica de Chocalhos Pardalinho

is a characteristic of Pais Filipe and Silva Ferreira—both in the universe of dance and in the universe of sculpture and sound—, “Terra Cobre” challenges traditional Portuguese iconography and symbolism to place it on an exploratory and sensory level. The project deepens an investigation around a device that offers sound and choreographic premises based on material heritage, questioning the historical and cultural properties of these objects.



© Anxo Casals

MARINA HERLOP (ES)

Lisboa | Faro

“PRIPYAT”

CONCERTO

LISBOA

■ 21.09 (quinta), 22h
Panteão Nacional

15€ / 10€ (-30 anos)

FARO

■ 22.09 (sexta), 22h
Ruínas de Milreu

10€ / 8€ (-30 anos)

60 min.
M/16

Autocarro para Milreu

Um autocarro disponibilizado pela Câmara Municipal de Faro fará o trajeto entre o Jardim Manuel Bivar, no centro de Faro, e Milreu, gratuitamente. A viagem é de aproximadamente 15 minutos. Partida às 21h30 desde o Jardim Manuel Bivar. O regresso é feito imediatamente após o concerto.

O futuro começou quando Marina Herlop se sentou ao computador. Depois de dois álbuns de intrincado impressionismo de piano e técnicas vocais maravilhosas, a cantora e pianista samplou a sua voz e piano com software, de forma inovadora o suficiente para que o jornalismo musical não pudesse deixar de fazer comparações com pioneiras como Björk ou Meredith Monk. Com “Pripyat”, a compositora, vocalista e pianista catalã, com formação clássica, canaliza o seu ambiente de uma forma verdadeiramente pós-humana; Herlop realiza acrobacias vocais alienígenas, inspirando-se na música Carnatic do sul da Índia, enquanto planta uma diversidade de sementes sónicas que florescem

brilantemente no seu sumptuoso jardim de composições quiméricas, produzidas pela primeira vez exclusivamente por via eletrónica.

Com o nome da cidade abandonada e devastada por armas nucleares na Ucrânia, “Pripyat” está repleto de superfícies de sintetizador com ritmo metronómico e batidas e tons desconstruídos. Herlop canta sobre ele na sua própria (não-)linguagem inventada, sobrepondo várias linhas vocais e criando canções pop corais de beleza sobrenatural. Neste regresso a Portugal, a artista apresenta-se com um concerto concebido para dois espaços patrimoniais, o Panteão Nacional (Lisboa) e as Ruínas de Milreu (Faro).

The future began when Marina Herlop sat down at her computer. After two albums of intricate piano impressionism and marvellous vocal techniques, the singer and pianist sampled her voice and piano with software, innovatively enough that music journalism couldn't help but draw comparisons with pioneers like Björk or Meredith Monk. With “Pripyat”, the classically trained Catalan composer, vocalist and pianist channels her environment in a truly post-human way; Herlop performs alien vocal acrobatics, drawing inspiration from the Carnatic music of South India, while planting a diversity of sonic seeds that bloom brilliantly in her sumptuous garden of chimerical

compositions, produced for the first time exclusively electronically.

Named after the abandoned, nuclear-ravaged city in Ukraine, “Pripyat” is filled with metronomic rhythmic synth surfaces and deconstructed beats and tones. Herlop sings about it in her own invented (non-)language, overlapping various vocal lines and creating choral pop songs of supernatural beauty. In this return to Portugal, the artist presents herself with a concert designed for two heritage spaces, the National Pantheon (Lisbon) and the Ruins of Milreu (Faro).



MILO RAU (CH)

Lisboa | Faro

“O NOVO EVANGELHO / THE NEW GOSPEL”

FILME

LISBOA

■ 21.09 e 22.09 (quinta e sexta),
19h30

Cinema Ideal

5€ / 4€ (estudantes)

FARO

■ 12.10 (quinta), 21h30
Auditório IPDJ

4€ / 3€ (-30 anos)

105 min.

M/12

A história de Jesus recontada por imigrantes.

The New York Times

No passado, Pier Paolo Pasolini e Mel Gibson filmaram a crucificação de Jesus na cidade de Matera, no sul da Itália. Em 2019, Matera tornou-se o pano de fundo para uma nova encenação da Paixão. Desta vez, Jesus foi interpretado pelo ativista político camaronês Yvan Sagnet, que defende os direitos dos trabalhadores ilegais explorados por um sistema agrícola liderado pela máfia. Muitos desses trabalhadores são refugiados de África e não têm para onde ir.

“O Novo Evangelho”, vencedor do prémio de Melhor Documentário no Festival de Cinema da Suíça, é ao mesmo tempo uma gravação dos ensaios da peça de teatro e, nos bastidores, uma documentação da luta de Sagnet e dos seus compatriotas africanos por visibilidade e dignidade. Vemos Sagnet crescer no seu papel de Jesus, o primeiro Jesus negro da história do cinema europeu, enquanto mobiliza grupos de trabalhadores próximo de Matera num protesto em grande escala denominado de “Revolta da Dignidade”. E a dignidade é precisamente o que este filme visa nos seus retratos de ativistas e de atores.

O encenador e realizador suíço Milo Rau quer que o seu trabalho “não retrate apenas o mundo, mas o mude”. Este projeto, mais do que apenas um filme ou uma peça de teatro, levou a melhores condições de habitabilidade para os migrantes de Matera e à fundação de uma marca de comércio justo na agricultura de tomates daquela região.

Realização: Milo Rau

Produção: Arne Birkenstock, Sebastian Lemke, Olivier Zobrist

Guião: Milo Rau

Fotografia: Thomas Eirich-Schneider

Som: Marco Teufen, Julian Joseph

Montagem: Katja Dringenberg

Produção: Fruitmarket, Langfilm & IIPM – International Institute of Political Murder

Coprodução: SRF Schweizer Radio und Fernsehen / SRG SSR, ZDF e em cooperação com ARTE, Fondazione Matera Basilicata 2019, Consorzio Teatri Uniti di Basilicata e Teatro di Roma apoiado por Film- und Medienstiftung NRW, Bundesamt für Kultur (BAK), Zürcher Filmstiftung, DFFF - Deutscher Filmförderfonds, Kanton St.Gallen Kulturförderung / Swisslos, BKM - Die Beauftragte der Bundesregierung für Kultur und Medien, Volkart Stiftung, Suissimage Kulturfonds

In the past, Pier Paolo Pasolini and Mel Gibson filmed the crucifixion of Jesus in the town of Matera in southern Italy. In 2019, Matera became the backdrop for a new staging of the Passion. This time, Jesus was played by Cameroonian political activist Yvan Sagnet, who defends the rights of illegal workers exploited by a mafia-led agricultural system. Many of these workers are refugees from Africa and have nowhere else to go.

“The New Gospel”, winner of the Best Documentary award at the Swiss Film Festival, is both a recording of the theatre play’s rehearsals and, behind the scenes, a documentation of Sagnet and his African compatriots’ fight for visibility and dignity.

We see Sagnet grow into his role as Jesus, the first black Jesus in the history of European cinema, as he mobilises groups of workers near Matera in a large-scale protest called the “Revolt of Dignity”. And dignity is precisely what this film aims for in its portrayals of activists and actors.

Swiss stage and film director Milo Rau wants his work to “not just portray the world, but change it”. This project, more than just a film or a play, has led to better living conditions for the migrants of Matera and the founding of a fair trade brand in tomato farming in the region.



ANTÓNIO POPPE (PT)

Lisboa

“EM VOZ ALTA”

PERFORMANCE NOVA CRIAÇÃO

LISBOA

■ 22.09 (sexta), 21h30
Carpintarias de São Lázaro

12€ / 10€ (-30 anos)

50 min. aprox.
M/12

“Em Voz Alta” é um projeto que cruza as várias disciplinas que compõem a prática de António Poppe, da poesia às artes visuais, das artes performativas à meditação. Sob a forma de uma peça performática, a sua nova criação nasce da palavra dita—tendo como base o poema “O Agitador e a Corrente”, escrito a quatro mãos, com Mumtazz, assim como outros poemas escritos e memorizados pelo autor—e conta, na sua forma final, com objetos cenográficos vários: manuscritos, colagens, desenhos, instalações, peças sonoras, vídeos e filmes. A performance é o elemento agregador de todos estes componentes. Composta por 12 atos ou cenas, a obra é uma descendente da ópera—da ópera da memória.

No âmbito da BoCA, António Poppe apresenta as duas primeiras cenas deste conjunto, valendo-se também da improvisação para contar as histórias destes poemas:

“primeiro molde de água (sem transe de fortuna)”, na qual materializa a palavra-imagem num espaço dramático, e “em sintonia com o que não cessa (sem astúcia humana)”, um desenho-voz-colagem-poema em simultâneo.

“Em Voz Alta” reserva-nos os gestos e palavras intuitivas de António Poppe e as suas manifestações ao vivo — uma poética do inesperado.

Direção e concepção artística: António Poppe

Direção técnica / produção: Leonor Lloret

Equipa artística / técnica: Christopher Ruiz, Helena Estrela, Francisco Poppe

Apoio: República Portuguesa - Cultura / Direção Geral das Artes

Em colaboração com: Aderno - Associação Cultural; Associação Mandriões do Vale Fértil - Casa de Gigante; BoCA - Biennial of Contemporary Arts; Galeria Zé dos Bois - ZDB; Osso - Associação Cultural

“Em Voz Alta” is a project that crosses the various disciplines that make up António Poppe’s practice, from poetry to visual arts, from performing arts to meditation. In the form of a performance piece, his new creation is born from the spoken word—based on the poem “O Agitador e a Corrente”, written four-handed with Mumtazz, as well as other poems written and memorised by the author—and its final form includes various scenographic objects: manuscripts, collages, drawings, installations, sound pieces, videos and films. The performance is the aggregating element of all these components. Formed by 12 acts or scenes, the work is a descendant of opera—the opera of memory.

In the context of BoCA, António Poppe presents the first two scenes of this set, also using improvisation to tell the stories of these poems: “first water mould (without trance of fortune)”, in which he materialises the word-image in a dramaturgical space, and “in tune with what does not cease (without human cunning)”, a simultaneous drawing-voice-collage-poem.

“Em Voz Alta” reserves for us António Poppe’s intuitive gestures and words and their live manifestations—a poetics of the unexpected.



MARCUS LINDEEN (SE)

Lisboa | Faro

“OS ARREPENDIDOS / THE REGRETTERS”

FILME

LISBOA

■ 23.09 (sábado), 21h15
Cinema Ideal

5€ / 4€ (estudantes)

FARO

■ 07.10 (sábado), 21h30
Fábrica da Cerveja

Entrada livre

60 min.
M/14

Em sueco, com legendas em português

No centro do palco estão Mikael e Orlando. Ambos homens, agora com cerca de 60 anos de idade, partilham um laço comum—foram homens que se tornaram mulheres e decidiram voltar atrás. Neste tête-à-tête cru e sincero, Mikael e Orlando exploram os seus passados e trocam histórias de guerra sobre as suas viagens individuais através da mudança de sexo e vice-versa. Mikael, que decidiu tornar-se mulher mais tarde na vida, foi imediatamente atingido por uma onda de arrependimento após a cirurgia e agora anseia por se sentir “inteiro” novamente. O extravagante Orlando, um dos primeiros casos de mudança de sexo na Suécia, opta por não viver mais como mulher, mas sente-se confortável com a fluidez e indefinição do seu género atual. “Os Arrependidos” oferece um olhar raro e penetrante sobre um assunto sobre o qual raramente falamos.

O filme ganhou o Prémio Europa para o melhor documentário em Berlim em 2010, o Prémio da Academia Sueca (Guldbagge) para o melhor documentário sueco em 2011 e, para além de ter sido apresentado em vários festivais internacionais de cinema, foi também exibido no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e no Centro Nacional de Arte Contemporânea de Moscovo. “Os Arrependidos” recebeu, ainda, o prémio de melhor documentário no Queer Lisboa em 2010.

Direção: Marcus Lindeen

Produção: Kristina Åberg

Edição: Marinella Angusti, Kristin Grundström

Direção de fotografia: Erik Persson, Andréas Lennartsson

Música: Martin Willert

Elenco: Orlando Fagin, Mikael Johansson

Produção: Atmo Media Network AB

Coprodução: Swedish Television (SVT), Finnish Television (YLE)

Financiamento: The Swedish Film Institute, Nordisk Film & TV Fond

At centre stage sit Mikael and Orlando. Both men, now well into their 60s, share a common bond—they were men who became women and decided to change back. In this raw and candid tête-à-tête, Mikael and Orlando explore their pasts and trade war stories of their individual journeys through gender reassignment and back again. Mikael, deciding to become a woman later in life, was immediately hit with a wave of regret post-surgery and now longs to feel “whole” again. The flamboyant Orlando, one of Sweden’s first cases of gender reassignment, chooses not to live as a woman

anymore, but is comfortable with the fluidity of his somewhat undefined current gender. Regretters offers a rare and penetrating look at a subject seldom talked about. The film won the Prix Europa for best documentary in Berlin in 2010, the Swedish Academy Award (Guldbagge) for best Swedish documentary 2011 and has, besides been presented at numerous international film festivals, also been screened at The Museum of Modern Art in New York and The National Center for Contemporary Art in Moscow. Regretters also won Best Documentary at Queer Lisboa in 2010.



JULIAN HETZEL (NL) & NTANDO CELE (ZA/CH)

Lisboa | Faro

“SPAFRICA”

ESPETÁCULO ESTREIA NACIONAL

LISBOA

■ 23.09 e 24.09 (sábado e domingo), 21h30
Teatro da Garagem / Teatro Taborda

12€ / 10€ (-30 anos)

FARO

■ 28.09 (quinta), 21h30
Teatro Lethes

10€ / 7€ (-30 anos)

90 min.
M/16

Em inglês, com legendas em português

“SPAfrica” é um espetáculo sobre empatia e extrativismo. Um projeto que explora a forma como o capitalismo está ligado ao racismo. Julian Hetzel e Ntando Cele juntam forças para explorar os limites da empatia— a capacidade de compreender ou sentir o que outra pessoa está a sentir. E se a empatia não mudar ou ultrapassar as estruturas de poder, mas reforçar os privilégios existentes? SPAfrica revela os mecanismos problemáticos e o racismo oculto do seu funcionamento. O projeto introduz um gesto duplo sobre a extração de “empatia líquida” e baseia-se na transação de recursos entre a Europa e África— água por lágrimas e lágrimas por água. Por um lado, a água potável das regiões subsarianas é importada para a Europa: SPAfrica— a primeira “bebida da empatia” do mundo. Por outro lado, as lágrimas são cultivadas no coração da Europa e transferidas para a fonte da água em África. O projeto justapõe a exploração de recursos naturais e emocionais, expondo estratégias neoliberais na procura de matérias-primas alternativas.

Na sua nova criação, Hetzel e Cele questionam a forma como os bens intangíveis, como a identidade e o passado cultural, são capitalizados. No mercado

internacional da arte, o passado cultural e a identidade dos protagonistas tornaram-se recursos valiosos para a criação de valor. Será o trauma o novo ouro das artes?

Conceito: Julian Hetzel e Ntando Cele

Direção: Julian Hetzel

Performance: Ntando Cele

Dramaturgia: Miguel Angel Melgares

Assessoria artística: Sodja Lotker, Khanyisile Mbongwa

Música e composição: Frank Wienk

Desenho de luz: Nico de Rooij

Coordenação técnica: Cesco van der Zwaag, Martijn van Nunen, Bea Verbeek

Técnicos: Simon Kelaita, Wout Jansen

Soluções técnicas: Merijn Versnel, Guido Bevers

Direção de produção: Marieke van den Bosch

Produção Cidade do Cabo: Lungile Mbongwa

Galerista Cidade do Cabo: Mpilo Ngcukana

Assistente de produção: Jana Riese

Assistente de figurino: Merel van Erpers Roijaards

Máscaras: Carly Heathcote

Maquilhagem: Julia Markow

Adereços: Saskia Hartog

Documentação videográfica: Reynold Reynolds, Bongeka Ngcobo

Fotografia: Alexandra Masmanidi, Anouk Maupu

Apoio à apresentação: Teatro da Garagem

SPAfrica is a performance about empathy and extractivism. A project that explores how capitalism is connected to racism. Julian Hetzel and Ntando Cele join forces to explore the limits of empathy—the capacity to understand or feel what another person is experiencing. What if empathy doesn’t change or overcome power structures but reinforces existing privileges? SPAfrica reveals the problematic mechanisms and hidden racism of its working. SPAfrica introduces a two-fold gesture about extracting ‘liquid empathy’ and builds upon the transaction of resources between Europe and Africa— water for tears and tears for water. On the one hand, drinking water from the sub-Saharan regions is imported into Europe: SPAfrica—the world’s

first ‘empathy drink’. On the other hand, tears are farmed at the heart of Europe and transferred to the source of the water in Africa. The project juxtaposes the exploitation of natural and emotional resources, exposing neoliberal strategies in the search for alternative raw materials. In their new creation, Hetzel and Cele question how intangible assets such as identity and cultural background are capitalised on. In the international art market, the cultural background and the identity of the protagonists have become valuable resources for value creation. Is trauma the new gold of the arts?



© Bruno Simão

JACIRA DA CONCEIÇÃO (CV)

Lisboa

“INSULARIDADE”

PERFORMANCE NOVA CRIAÇÃO

LISBOA

■ 24.09 (domingo), 17h

■ 08.10 (domingo), 17h

Espaço público do centro de Lisboa
(ver website para localização exata)

Acesso livre

M/6

O meu corpo é uma ilha. Como ilhas suspensas, somos corpos à deriva entre as leis dos humanos e os desígnios da natureza.

Simone de Beauvoir disse que ‘ser livre é também querer os outros’.

O pote é um símbolo do mundo. Ao carregar o pote à cabeça, recrio as mitologias. Assumo o lugar de Atlas, propondo uma mulher como pilar que sustém o mundo e o nutre. Mulher axis mundi.

Caminho entre o solo e o céu, entre uns e outros, estabeleço pontes e transito entre mundos. Será que me vês, será que te desperto a atenção, será que alguém se junta à caminhada? Como te sentes no teu corpo-ilha? Somos o futuro e o sul é o nosso norte.

Jacira da Conceição

Jacira da Conceição é ceramista, escultora e artista visual com raízes em Cabo Verde. Ao insistir nos processos de valorização, nos acordos coletivos de trabalho, na equidade e nas muitas dúvidas sobre a meritocracia, pensa sobre a importância do ser mulher e da utopia como motores de revolução social e cultural.

Numa parceria entre a BoCA e o Futurama, Jacira apresenta a performance “Insularidade” no espaço público de Lisboa, traçando um itinerário que encoraja a desterritorialização-reterritorialização do invisível a partir do pote como objeto simbólico e do percurso na cidade como exploração da subjetividade do caminhante. Entre o (des)equilíbrio entre o presente invisível e o futuro imprevisível, a artista abre caminho ao porvir e à possibilidade do novo, da reimaginação e redefinição de percursos outros, sem centros e sem pontos de partida ou chegada.

Jacira da Conceição is a ceramicist, sculptor and visual artist with roots in Cape Verde. By insisting on processes of valorisation, collective labour agreements, equity and the many doubts about meritocracy, she thinks about the importance of utopia and of being a woman as drivers of social and cultural revolutions.

In a partnership between BoCA and Futurama, Jacira presents the performance “Insularity” in Lisbon’s public space, tracing an itinerary that encourages the

deterritorialisation-reterritorialisation of the invisible based on the pot as a symbolic object and the journey through the city as an exploration of the subjectivity of the walker. Between the (dis)balance between the invisible present and the unpredictable future, the artist paves the way for the possibility of the new, of reimagining and redefining other routes, without centres and without points of departure or arrival.



BÁRBARA WAGNER & BENJAMIN DE BURCA (BR)

Lisboa

“FALA DA TERRA”

FILME

LISBOA

■ 26.09 (terça), 21h15
Cinema Ideal

Filme seguido de debate com os realizadores e o coletivo Banzeiros

5€ / 4€ (estudantes)

19 min. (filme)
60 min. (debate)

“Fala da Terra” desenvolve-se em torno do Coletivo Banzeiros, grupo de teatro composto por membros do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), ativos na área da educação e da militância política, do sudeste do Pará, região entre Marabá e Parauapebas – território emblemático da luta pela terra, onde ocorreu o Massacre de Eldorado dos Carajás, em 1996.

Inaugurado no New Museum, em Nova Iorque, o filme partiu do convite da dupla Bárbara Wagner & Benjamin de Burca, que há dez anos traduzem experiências antropológicas entre artistas populares de diversas linguagens, tecendo narrativas densas, onde emergem identidades de um Brasil que precisa ser descoberto. Com “Fala da Terra”, os artistas investigam as complexidades da construção da identidade no Brasil do campo, onde questões de origem, sobrevivência e produtividade se movimentam em torno da terra.

Debruçando-se sobre as técnicas de democratização dos meios de produção cénicos do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, o filme ocupa um território entre o documentário e a ficção — e procura entender os processos de construção da cultura e da identidade coletiva “Sem Terra” através das suas expressões artísticas.

A partir do imaginário rural tradicional, “Fala da Terra” estabelece pelos cânticos do trabalho a importância da

cooperação e da coletividade entre agricultores e atores, no campo ou no camarim. Os inimigos são representados por arquétipos: o pastor, a governadora, os “capangas”, o avião e a estátua na loja de departamentos. Nessa alegoria de tipos sociais, estabelece-se o drama da disputa política brasileira atual, como se pudéssemos vê-la inteira ali, encenada.

Cortesia dos artistas e Fortes D’Aloia & Gabriel, São Paulo/Rio de Janeiro

Com o coletivo de teatro Banzeiros: Alan Leite, Aline Silva, Kananda Rocha, Luciana Melo, Maria Luísa, Maria Raimunda César, Mileny Alves Bezerra, Pablo Neri, Révero Ribeiro, Rodrigues Silva, Romário Rodrigues, Vangela Pereira Silva, Wildiane Celiniclis

Apoio: Fundação de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco (Funcultura), Arts Council of Ireland (Visual Arts Bursary 2022)

Produção: Bárbara Wagner & Benjamin de Burca, Fortes D’Aloia & Gabriel

Produção executiva: Dora Amorim, Júlia Machado (Ponte Produtoras)

Direção de fotografia: Pedro Sotero

Montagem: Daniela de Lamare

Gerente de produção: Henrique Lapa

Coordenação de produção: João Lucas

Mixagem de som: Lucas Caminha

Mixagem de desenho de som: Nicolau Domingues

Banda sonora original: Carlos Sá

“Fala da Terra” [Voice of the Land] develops around Coletivo Banzeiros, a theatre group formed by members of the MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/Landless Workers’ Movement] engaged in forms of education and political militancy, from the southeast of Pará, the region between Marabá and Parauapebas – an emblematic territory in the struggle for land, where the Eldorado dos Carajás Massacre took place in 1996.

Inaugurated at the New Museum in New York, the film was made at the invitation of the duo Bárbara Wagner & Benjamin de Burca, who for ten years have been translating anthropological experiences between popular artists of various languages, weaving dense narratives where identities emerge from a Brazil that needs to be discovered. With “Fala da Terra”, the artists investigate the complexities of identity construction in

rural Brazil, where questions of origin, survival and productivity revolve around the land. Drawing on Augusto Boal’s Theatre of the Oppressed techniques for democratising the means of scenic production, the film occupies a territory between documentary and fiction - and seeks to understand the processes of building collective “Sem Terra” culture and identity through their artistic expressions.

Based on traditional rural imagery, “Fala da Terra” establishes the importance of cooperation and collectivity between farmers and actors, whether in the field or in the dressing room. The enemies are represented by archetypes: the pastor, the governor, the “henchmen”, the aeroplane and the statue in the department stores’. In this allegory of social types, the drama of the current Brazilian political dispute is established, as if we could see it all there, staged.



YVONNE RAINER (US)

Lisboa

“RETROSPETIVA: TORNAR-SE YVONNE RAINER”

CINEMA DEBATE

LISBOA

■ 27.09 (quarta), 18h30

Filme “Rainer Variations”, de Charles Atlas, seguido de debate com Gisela Casimiro, João dos Santos Martins e Jorge Jácome
Moderação: Claudia Galhós e Joana Ascensão

Cinemateca Portuguesa

Figura pioneira do movimento de vanguarda estadunidense e uma das artistas performativas mais influentes do século XX, Yvonne Rainer ostenta uma carreira de mais de cinco décadas, na dança e no cinema. Fazendo uso de arquivos, reencenações, fotografias e técnicas audiovisuais não convencionais, os seus filmes recorrem à teoria crítica e à análise erudita enquanto exploram temas e questões profundamente pessoais, políticas e sociais.

Integrado no Queer Lisboa, o ciclo “Retrospectiva: Tornar-se Yvonne Rainer”, apresenta um conjunto de 9 filmes, dentre 7 obras de Rainer recentemente restauradas pelo MoMA—incluindo a sua primeira longa-metragem, “Lives of Performers” (1972), uma reflexão subversiva sobre alianças românticas que incorpora

imagens de arquivo e coreografias da própria Rainer.

Numa parceria com a BoCA, a seguir à exibição do documentário “Rainer Variations” (2002) de Charles Atlas—no qual uma extensa entrevista com Rainer intercala-se com a montagem de quatro performers (Rainer entre eles) que encenam e reencenam as suas histórias—tem lugar um debate sobre a obra da artista norte-americana. Nesta conversa, da qual participam João dos Santos Martins, Gisela Casimiro e Jorge Jácome, com moderação da Claudia Galhós, abordar-se-á a dicotomia do seu trabalho do corpo em palco contra aquela de um trabalho mais psicologista no cinema, assim como os contextos da vanguarda onde Rainer se insere e o impacto da sua obra na produção artística portuguesa.

42 min. (filme)
60 min. aprox. (debate)

Em inglês, com legendas em português

RETROSPETIVA YVONNE RAINER FESTIVAL QUEER LISBOA CINEMATECA PORTUGUESA

Film about a Woman Who...
Yvonne Rainer (EUA, 1974, 105') · 23/09, 21h30

Journeys from Berlin/1971
Yvonne Rainer (EUA, Reino Unido, antiga RFA, 1980, 125') · 25/09, 21h30

Lives of Performers
Yvonne Rainer (EUA, 1972, 90') · 26/09, 21h30

Feelings Are Facts: the Life of Yvonne Rainer
Jack Walsh (EUA, 2015, 83') · 27/09, 21h30

Kristina Talking Pictures
Yvonne Rainer (EUA, 1976, 90') · 28/09, 21h30

Privilege
Yvonne Rainer (EUA, 1990, 103') · 29/09, 19h30

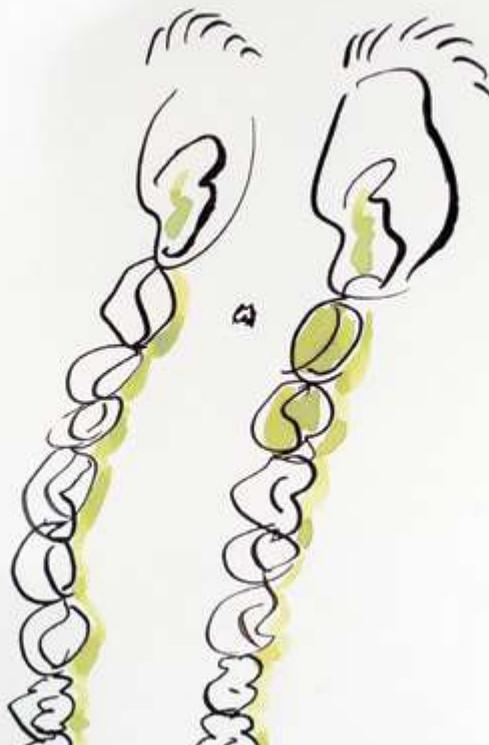
The Man Who Envied Women
Yvonne Rainer (EUA, 1985, 125') · 29/09, 21h30

Murder and Murder
Yvonne Rainer (EUA, 1996, 113') · 30/09, 21h30

A pioneering figure in the American avant-garde movement and one of the most influential performance artists of the twentieth century, Yvonne Rainer boasts a career spanning over five decades, across both dance and film. Making use of archives, re-enactments, photographs and unconventional audiovisual techniques, her films draw on critical theory and scholarly analysis while exploring deeply personal, political and social themes and issues.

At Queer Lisboa, the cycle “Retrospectiva: Becoming Yvonne Rainer” presents a set of 9 films, among 7 of Rainer’s recently restored works. In partnership with BoCA,

following the screening of the sous-rature documentary “Rainer Variations” (2002) by Charles Atlas, a debate on the work of the American artist takes place with João dos Santos Martins, Gisela Casimiro and Jorge Jácome. In this conversation, moderated by Claudia Galhós, the artists will discuss the dichotomy of Rainer’s work with the body on stage versus that of a more psychological work in cinema, as well as the contexts of the avant-garde where Rainer is inserted and the impact of her work on Portuguese choreographic creation.



PEDRO ALVES SOUSA (PT)

Lisboa

“CICLO CRUZADO PEDRO ALVES SOUSA”

ÓPERA

“A Vaia Viva”

■ 28.09 e 29.09 (quinta e sexta), 21h30

Teatro Nacional São Carlos – Salão Nobre

10€ / 8€ (-30 anos)

45 min. aprox.

M/12

PERFORMANCE

“Performance for plural larynx: A song for True”

■ 10.09 (domingo)

15h, 16h, 17h e 18h (4 sessões)

MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (Lisboa)

9€ / 6€ (+65 anos)

4,50€ (Cartão membro MAAT)

40 min.

M/12

WORKSHOP

“Um bruto enlace”

■ 30.09 e 01.10, 10h–14h

Biblioteca de Marvila (Lisboa)

Inscrições em bocabiennial.org

O músico e artista visual Pedro Alves Sousa aventura-se no território da ópera. “A Vaia Viva” apresenta-se como uma ópera para uma voz e três máquinas reel-to-reel, com composição originalmente desenvolvida e manipulada ao vivo por Pedro Alves Sousa, adaptada do conto Las Babas Del Diablo (1959) de Julio Cortázar. A narrativa é contada com uma música em vários capítulos e apresentados em loop de fita magnética.

O texto, adaptado para um formato de ópera com a consultadoria e apoio de Nuno da Rocha, é dividido em três movimentos distintos. Neste conto, Roberto Michel, um tradutor cuja obsessão é a fotografia, observa um evento, inserindo-se no mundo como narrador e participante. Obrigando o espectador a questionar tanto a percepção do narrador em relação ao momento testemunhado, como a própria veracidade do real, a narrativa da ópera se desenvolve procurando expandir e ampliar pequenos excertos-chave descritivos da história.

Direção artística: Pedro Alves Sousa

Com: cantora lírica a anunciar

Manipulação sonora ao vivo: Pedro Alves Sousa

Desenho de luz: Rui Monteiro

Produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts

Parceria: Opart / Teatro Nacional São Carlos

The musician and visual artist Pedro Sousa ventures into the territory of opera. “A Vaia Viva” presents itself as an opera for one voice and three reel-to-reel machines, with a composition originally developed by Pedro Sousa, adapted from the tale “Las Babas Del Diablo” (1959) by Julio Cortázar.

In this short story, Roberto Michel, a translator whose obsession is photography, observes an event, inserting himself into the world as narrator and participant. Forcing the spectator

Para além da ópera com estreia na bienal, através de uma parceria entre a BoCA e o MAAT, Pedro Alves Sousa apresenta ainda uma performance e um workshop. Na galeria oval do MAAT apresenta “Performance for plural larynx: a song for True”, baseada na vida do saxofonista de orquestras e big bands Jerry True. Na fase final da sua vida, o músico norte-americano teve um cancro na garganta que o impediu de continuar a tocar saxofone. Determinado, arranhou um pequeno compressor de ar portátil e acoplou a mangueira à sua boca para poder ter a pressão sonora e, assim, continuar a tocar o seu instrumento. Nesta peça, Pedro Alves Sousa procura levar o instrumento ao limite das suas capacidades, contornando o fator humano e ganhando uma dimensão quase industrial, que se processa mais através do corpo do que do uso dos ouvidos. Na Biblioteca de Marvila, dirige um workshop de dois dias que investiga as qualidades arquitetónicas do som e da música.

to question both the narrator’s perception of the moment witnessed and the veracity of reality itself, the opera’s narrative develops by seeking to expand and amplify short descriptive key excerpts from the story.

Pedro Sousa will be in charge of manipulating his voice live, through the use of electronics, such as delays, reverbs and other effects, as well as manipulating the reel to reel machines.



© Rita Balaia



FREDERICA CAMPOS & OS MOÇOS DA VIOLA CAMPANIÇA (PT)

Lisboa

CONCERTO
NOVA CRIAÇÃO

LISBOA
■ 29.09 (quarta), 20h
São Luiz Teatro Municipal

10€ / 7€ (prof. do espetáculo) /
5€ (-25 anos)

60 min.
M/6

Numa parceria entre a BoCA e o Futurama, a harmonia entre as sonoridades da harpa, com os movimentos delicados da jovem artista portuense Frederica Campos, e o timbre singular da viola campaniça com as palavras do cancionero tradicional alentejano, pelo quinteto alentejano Os Moços da Viola Campaniça, faz-se sentir no São Luiz Teatro Municipal.

Com uma dedicação e um amor à música que transparece pelas mãos e pela voz, além de uma atenção particular à descoberta da contemporaneidade da música clássica ou tradicional portuguesa, ambos os músicos despontam como promessas no cenário nacional. Frederica estreou-se como solista na sala Suggia da Casa da Música em 2018 e apresentou-se com diversas

orquestras, incluindo a Filarmónica Portuguesa, em diferentes cidades de Portugal. Os Moços da Viola Campaniça, cujos talentos têm idades entre os 17 e 40 anos, expandiram os horizontes de Castro Verde para dar a conhecer a cultura musical do Baixo Alentejo a todo o país.

Estes dois universos musicais juntam-se agora, num inesperado encontro, que nos convida a seguir o rasto da pulsão telúrica a vibrar na cadência e nas cordas místicas da harpa e resistentes da viola.

Apoio: Câmara Municipal de Castro Verde
Parceria: São Luiz Teatro Municipal

In a partnership between BoCA and Futurama, the harmony between the sounds of the harp, with the delicate movements of the young artist from Porto Frederica Campos, and the unique timbre of the viola campaniça with the words of the traditional Alentejo songbook, by the Alentejo quintet Os Moços da Viola Campaniça, will be felt at the São Luiz Municipal Theatre.

With a dedication and love of music that comes through in their hands and voices, as well as a particular attention to discovering the contemporary in classical and traditional Portuguese music, both musicians are promising on the national scene.

Frederica made her debut as a soloist at Casa da Música's Suggia Hall in 2018 and has performed with various orchestras, including the Portuguese Philharmonic, in different cities across Portugal. The Moços da Viola Campaniça, whose talents range in age from 17 to 40, have expanded the horizons of Castro Verde to make the musical culture of the Baixo Alentejo known throughout the country.

These two musical universes now come together in an unexpected encounter that invites us to follow the trail of the telluric pulse vibrating in the cadence and mystical strings of the harp and the resilient viola.



© Gil Álvaro de Lemos

FERNANDO JOSÉ RODRIGUES (PT) Lisboa “A REVOLTA DO MILHO”

COM O GATO, CAOSARTE, MANIPULARTES, TASE E A COMUNIDADE DA ALDEIA DO VALE DA PEDRA

ESPETÁCULO

LISBOA

■ 30.09 (sábado), 21h
Carpintarias de São Lázaro

12€ / 10€ (desconto -30)

60 min.

M/12

Baseada em fatos reais, “A Revolta do Milho” é a recriação teatral da revolta camponesa de junho de 1942, decorrida na aldeia de Vale da Pedra, com o envolvimento das populações das três freguesias de Souto da Carpalhosa, Monte Redondo e Bajouca, em Leiria. Com a fome provocada pela guerra, as revoltas camponesas eram frequentes em Portugal, mas abafadas pelo regime de Salazar.

Breve história: o milho, essencial na alimentação da população local, estava sujeito às políticas do Estado Novo, que visavam garantir o fornecimento do país a preços tabelados. José “Barbeiro”, um dos grandes produtores de milho, foi notificado para entregar a sua produção de acordo com o Manifesto. Consciente das intenções do Grémio da Lavoura em confiscar o milho, a população organizou-se para impedir a sua recolha. Após diversas tentativas várias pessoas foram detidas

e condenadas por “Sedição”, incluindo duas mulheres e doze homens. Levados para o Governo Civil de Leiria, aí foram espancados e identificados; depois levados para o Tribunal Especial em Lisboa e daí colocados à ordem da PIDE e encarcerados no Forte de Peniche (só para homens, mas que acolheu pelo menos duas mulheres), onde estiveram presos cerca de um ano.

80 anos depois, a recriação de “A Revolta do Milho” reúne em cena atores, atrizes e músicos de quatro companhias de Leiria (O Gato, CaosArte, Manipulartes e TASE), assim como pessoas da comunidade local. Na 4.ª edição da BoCA, os 24 elementos apresentam-se em Lisboa, trazendo à tona a memória deste episódio de resistência civil, com a participação fundamental das mulheres, por tantas décadas omitido da história portuguesa.

Based on real events, “A Revolta do Milho” is a theatrical recreation of the peasant uprising of June 1942, which took place in Vale da Pedra and involved the populations of the three parishes of Souto da Carpalhosa, Monte Redondo and Bajouca. With the famine caused by the war, peasant revolts were frequent in Portugal, but were stifled by the Salazar regime.

Brief history: maize, essential for feeding the local population, was subject to the policies of the Portuguese dictatorship, which aimed to guarantee the country’s supply at fixed prices. José “Barbeiro”, a major maize producer, was notified to deliver his produce in accordance with the Manifesto. Aware of the Guild’s intentions to confiscate the corn, the population organised itself to prevent the maize from

being collected. After several attempts, involving the ringing of the Vale da Pedra church bell and the intervention of the authorities, several people were arrested and convicted, including two women and twelve men from the parishes of Souto da Carpalhosa, Monte Redondo and Bajouca.

After 80 years, the reenactment of “A Revolta do Milho” brings together actors, actresses and musicians from O Gato, CaosArte, Manipulartes and TASE, as well as citizens from the local community. In the 4th edition of BoCA, the groups are performing in Lisbon, bringing to light the memory of this episode of civil resistance, with the fundamental participation of women, omitted from Portuguese history for so many decades.



RUI CATALÃO (PT)

Faro

“MAL DE ULISSES”

PERFORMANCE
NOVA CRIAÇÃO

FARO
■ 30.09 (sábado), 19h
Fábrica da Cerveja

Entrada livre

40 min.
M/6

Portugal testemunhou na sua história recente duas experiências migratórias: quem saiu do país durante a ditadura e quem chegou na era da União Europeia. Fresco de uma sociedade portuguesa em rápida transformação, “Mal de Ulisses” é a nova criação dramaturgical de Rui Catalão junto da comunidade migrante de Faro, que põe em diálogo testemunhos de um país a desaparecer e de outro a emergir.

Epopéia traumática daqueles que abandonaram os seus países de origem em busca de outro futuro, em “Mal de Ulisses” velhos emigrantes e jovens imigrantes contam as suas histórias: porque deixaram as suas famílias, os seus modos de vida, e os problemas de adaptação que enfrentaram.

Rui Catalão estará em Faro a fazer entrevistas à comunidade migrante, que darão lugar a uma performance-leitura e que revelam as condições e desafios de uma comunidade que está a redefinir a paisagem demográfica nacional. Posteriormente, a peça apresentar-se-á enquanto espetáculo final no Teatro das Figuras.

Concepção, dramaturgia, texto e encenação: Rui Catalão

Direção técnica: João Chicó

Entrevistas: Madiu Furtado

Produção executiva: Marta Moreira

Produção: Irreal

Coproduções: Teatro Rivoli – Teatro Municipal do Porto, Festival Todos, Futurama – Ecosistema Cultural e Artístico do Baixo Alentejo, Teatro A Oficina, Binaural Nodar, Teatro das Figuras

Portugal’s recent history has witnessed two migratory experiences: those who left the country during the dictatorship and those who arrived in the era of the European Union. Fresh from a rapidly changing Portuguese society, “Mal de Ulisses” is Rui Catalão’s new dramaturgical creation with Faro’s migrant community, which puts into dialogue testimonies of one country disappearing and another emerging. A traumatic epic of those who left their countries of origin in search of another

future, in “Mal de Ulisses” old emigrants and young immigrants tell their stories: why they left their families, their ways of life and the problems they faced adapting. Rui Catalão will be in Faro interviewing the migrant community, interviews that will give way to a performance-reading that reveals the conditions and challenges of a community that is redefining the national demographic landscape. The play will then be presented as a final show at Teatro das Figuras.



BENDIK GISKE (NO) & ROMEU RUNA (PT)

Lisboa

“AS ASCENSÕES E QUEDAS INFINITAMENTE REPETIDAS DO DESEJO”

CONCERTO-PERFORMANCE
NOVA CRIAÇÃO

LISBOA
■ 01.10 (domingo), 22h
Panteão Nacional

12€ / 10€ desconto (-30 anos)

60 min.
M/16

Bendik Giske move os seus dedos com firmeza e delicadeza pelos limiares da música; Romeu Runa deixa-se ser invadido e tomado pela dança até que o seu corpo experimente o desgaste. Entregues ao desejo obsessivo de vagar, num transe hipnotizante, o saxofonista norueguês e o bailarino e ator português encontram-se no Panteão Nacional, em Lisboa, para um acontecimento único. Nesta encomenda da BoCA, os artistas refletem sobre o tempo e o movimento a partir das repetições oscilantes e infinitas do desejo—responsáveis também por formar e aperfeiçoar as suas próprias vozes e estados naturais de expressão.

Evocando a memória e a autobiografia do escritor Samuel Delany, cuja obra compreende a imaginação de futuros *queer* através da lente da ficção científica afrofuturista, Bendik Giske e Romeu Runa criam uma atmosfera meditativa que nos leva ao êxtase pela recorrência dos elementos que “se repetem ao longo de qualquer dia, de qualquer vida, incidentes que constituem ao mesmo tempo o basal e o quotidiano—acordar, pequeno-almoço, almoço, jantar, lavar, eliminar, dormir—, bem como as incessantemente repetidas ascensões e quedas do desejo” (*The Motion of Light in Water: Sex and Science Fiction Writing in the East Village*, 1988, tradução livre).

Comissão e produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts

Bendik Giske moves his fingers firmly and delicately across the thresholds of the music; Romeu Runa lets himself be invaded and taken over by the dance until his body experiences wear and tear. Surrendered to the obsessive desire to wander, in a hypnotizing trance, the Norwegian saxophonist and the Portuguese dancer and actor meet at the National Pantheon, in Lisbon, for a unique event. In this BoCA commission, the artists reflect on time and movement from the oscillating and infinite repetitions of desire—also responsible for forming and perfecting their own voices and natural states of expression.

Evoking the memory and autobiography of the writer Samuel Delany, who’s oeuvre contains the imaginings of queer futures through the lens of science fiction afrofuturism, Bendik Giske and Romeu Runa create a meditative atmosphere that leads us to ecstasy by the recurrence of “elements that are repeated throughout any day, any life, incidents that constitute at once the basal and quotidian—waking up, breakfast, lunch, dinner, washing, elimination, driving off to sleep—as well as the endlessly repeated risings and fallings of desire” (*The Motion of Light in Water: Sex and Science Fiction Writing in the East Village*, 1988).



PAUL B. PRECIADO (ES/FR)

Lisboa | Faro

“ORLANDO, A MINHA BIOGRAFIA POLÍTICA”

FILME ANTESTREIA NACIONAL

LISBOA
■ 03.10 (terça), 21h30
Cinema São Jorge

5€ / 4€ (-30 anos e estudantes)

FARO
■ 05.10 (quinta), 21H30
Auditório IPDJ

4€ / 3€ (-30 anos)

98 min.
M/16

O filme “Orlando, a minha biografia política” de Paul B. Preciado surge de uma adaptação de uma das obras mais conceituadas da escritora inglesa Virginia Woolf, “Orlando”, em que o realizador dirige uma carta à escritora a dizer que a sua personagem Orlando tornou-se real. Paul B. Preciado convocou um casting com 25 pessoas diferentes, todas trans e não binárias, dos 8 aos 70 anos, para interpretarem a personagem fictícia de Virginia Woolf, enquanto narram as suas próprias vidas e ao mesmo tempo questionando-as: “Quem são os Orlandos contemporâneos?”.

O filme ainda reúne uma série de imagens de arquivo sobre pessoas trans de meados do século XX que invocam os verdadeiros Orlandos históricos na sua luta pelo reconhecimento e visibilidade.

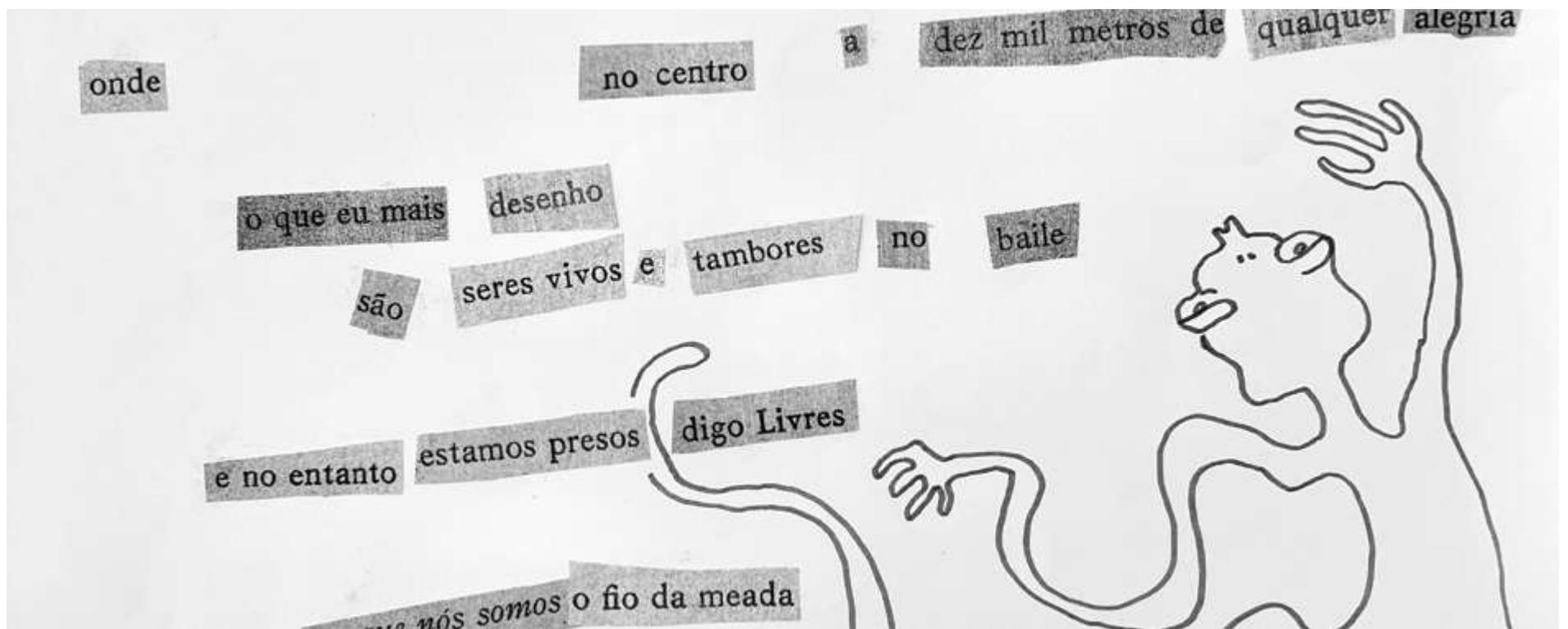
Virgínia Woolf escreveu “Orlando” em 1928 e foi o primeiro romance em que o personagem principal muda de sexo no meio da história. Um século depois, o escritor e ativista trans Paul B. Preciado decide enviar uma carta cinematográfica a Virginia Woolf: o seu Orlando saiu da sua ficção e está a viver uma vida que ela nunca poderia imaginar.

Primeiro filme de Paul B. Preciado, estreado este ano na Berlinale e vencedor do Teddy Award para Melhor Documentário, “Orlando, a minha biografia política” chega às salas nacionais em outubro, com antestreia no âmbito da BoCA, em parceria com a Nitrato Filmes.

**PARIS
FRANCA**

Paul B. Preciado’s film “Orlando, my political biography” is an adaptation of one of English writer Virginia Woolf’s most famous works, “Orlando”, in which the director addresses a letter to the writer saying that her character Orlando has become real. Paul B. Preciado cast 25 different people, all trans and non-binary, from 8 to 70 years old, to play Virginia Woolf’s fictional character, while narrating

and questioning their own lives: “who are the contemporary Orlandos?”. First film by Paul B. Preciado, premiered this year at the Berlinale and winner of the Teddy Award for Best Documentary, “Orlando, my political biography” arrives in national cinemas in October, with a preview within the scope of BoCA, in partnership with Nitrato Filmes.



KELI FREITAS (BR/PT)

Lisboa | Faro

“CORPO VISÍVEL”

COM ALUNOS DE ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE E ESTUDANTES DE MÚSICA DA ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA

INSTALAÇÃO-CONCERTO NOVA CRIAÇÃO

LISBOA

■ 05.10 (quinta), 17h
MAAT - Museu de Arte,
Arquitetura e Tecnologia / Sala
dos Geradores

Entrada livre

FARO

■ 07.10 (sábado), 17h
Claustro do Museu Municipal
de Faro

Entrada livre

50 min.
M/6

E se esse texto fosse uma música? E se essa música fosse uma pintura? E se essa pintura fosse uma ação? E se essa ação fosse um espaço? “Corpo Visível”, título do primeiro poema de Mário Cesariny, é um projeto que propõe desenvolver um processo de mediação e criação artística transdisciplinar com alunos de duas instituições de ensino artístico de Lisboa e Faro, cidades onde a BoCA 2023 tem lugar, em jeito de celebração dos 100 anos do nascimento de Mário Cesariny.

O projeto assume-se como um processo de inquirição, pesquisa e colaboração artística, ligando diferentes territórios artísticos (poesia, música e artes visuais), duas geografias nacionais (Lisboa e Faro), duas instituições de ensino superior (Escola Superior de Música de Lisboa e Universidade do Algarve) e dois espaços culturais onde o resultado deste processo é apresentado (MAAT e Museu Municipal de Faro).

A construção do projeto reúne alunos de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa e alunos do Curso de Artes Visuais da UALG, que concebem, com a coordenação artística da dramaturga, atriz e encenadora Keli Freitas, um formato híbrido de concerto-instalação.

Coordenação artística: Keli Freitas

Professora do 1º ano do Curso de Artes Visuais da UALG: Sara Navarro Condesso

Introdução à obra de Mário Cesariny: Bernardo Pinto de Almeida

Encomenda e produção: BoCA – Biennial of Contemporary Arts

Parcerias de instituições de ensino: Escola Superior de Música de Lisboa, Universidade do Algarve

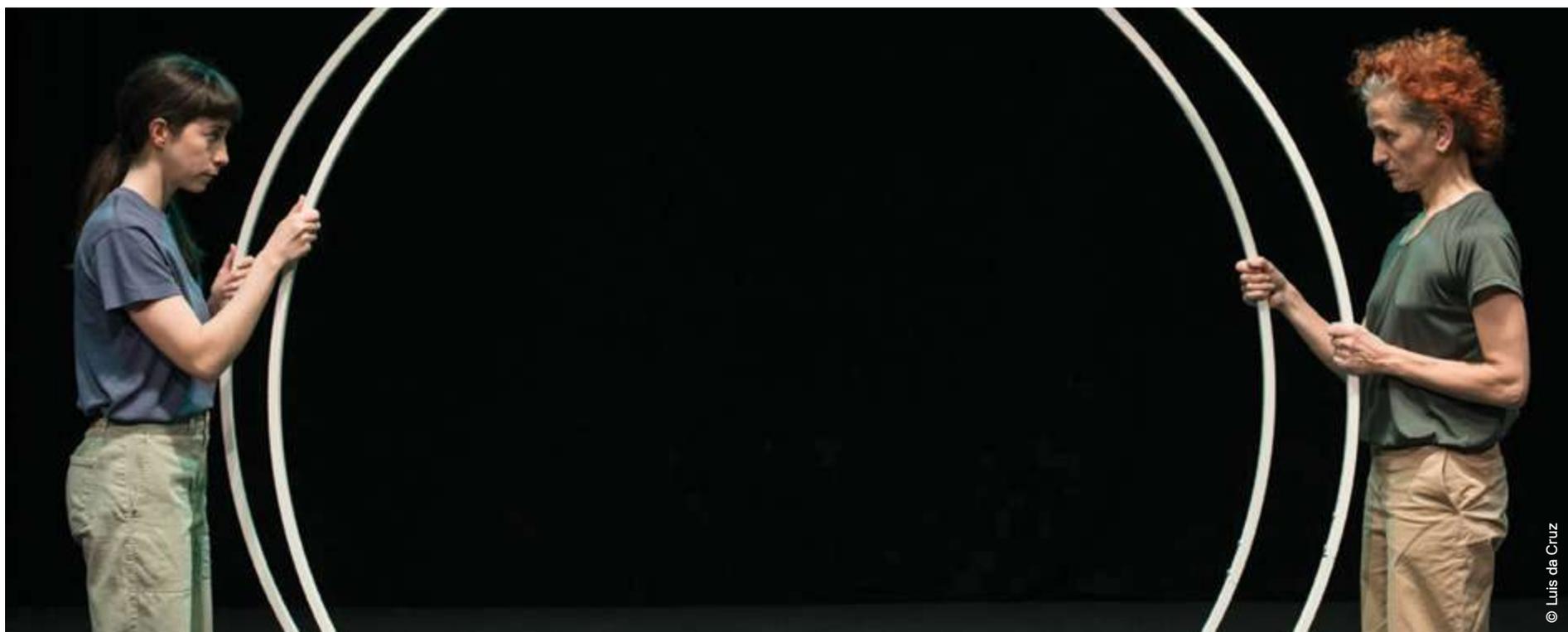
Parcerias de instituições culturais: MAAT, Museu Municipal de Faro

Apoio à deslocação: Câmara Municipal de Faro

Agradecimentos: Alexandre Barata, Jaime Reis, Mirian Tavares

What if these verses were a song? What if this song was a painting? What if this picture was an action? What if this action was a space? “Corpo Visível” (Visible Body) - the title of the first poem by Mário Cesariny - is a project that proposes to develop a process of mediation and transdisciplinary artistic creation that celebrates the life and work of Mário Cesariny, in the year that marks the 100th anniversary of his birth.

The project assumes itself as a process of enquiry, research and artistic collaboration, connecting different artistic territories (poetry, music and visual arts), two geographies (Lisbon and Faro), two educational institutions (visual arts students from the University of the Algarve and music students from the Escola Superior de Música de Lisboa) and two cultural spaces where the result of this process is presented (maat and Museu Municipal de Faro).



© Luis da Cruz

VERA MANTERO & TERESA SILVA (PT)

Lisboa

“UM PEQUENO EXERCÍCIO DE COMPOSIÇÃO”

PERFORMANCE
NOVA CRIAÇÃO

LISBOA

■ 06.10 e 07.10 (sexta
e sábado)

19h + 21h (duas sessões diárias)

Carpintarias de São Lázaro

8€ / 6€ (-30 anos)

30 min.

M/6

Entre coreografia, performance e pensamento, o trabalho de Vera Mantero, uma das artistas incontornáveis da dança contemporânea portuguesa, dialoga lado a lado com a linguagem artística de Teresa Silva, coreógrafa e bailarina. É transversal ao trabalho de ambas as artistas uma reflexão sobre o tempo, sobre a materialidade e subjetividade dos objetos, que habitualmente surgem como matéria coreográfica.

“Um pequeno exercício de composição” surge na sequência da recuperação de um elemento cenográfico do espetáculo que juntou Mantero e Silva anteriormente, “O Susto é um Mundo” (2021) de Vera Mantero: uns anéis de ferro, de cerca de 2 metros de diâmetro. Com

a colaboração do designer e artista Santiago Tricot, este projeto explora sob a forma de exercício poético as relações entre forma e conteúdo, entre o sólido e o ar, o atravessamento do corpo e da sua imagem na relação com dois anéis pesados de ferro. Vera Mantero e Teresa Silva praticam o corpo, procuram relações, surpreendem-se com o encontro, numa espécie de exercícios de espanto.

Co-criação e interpretação: Vera Mantero e Teresa Silva

Luz e colaboração artística: Santiago Tricot

Produção: O Rumo do Fumo

Residências artísticas: DeVIR/CAPA, Estúdios Victor Córdon /

Opart, Largo Residências

O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada por República Portuguesa / Cultura – Direção-Geral das Artes

Between choreography, performance and thought, the work of Vera Mantero, one of the undisputed artists of contemporary Portuguese dance, dialogues side by side with the artistic language of Teresa Silva, choreographer and dancer. A reflection on time, on the materiality and subjectivity of objects, which usually appear as choreographic material, runs through the work of both artists.

“A small composition exercise” follows the recovery of a scenographic element from the show that brought Mantero and Silva together previously, “O Susto é um

Mundo” (2021) by Vera Mantero: iron rings, around 2 metres in diameter. With the collaboration of designer and artist Santiago Tricot, this project explores, in the form of a poetic exercise, the relationship between form and content, between solid and air, the crossing of the body and its image in the relationship with two heavy iron rings. Vera Mantero and Teresa Silva practise the body, search for relationships and get surprised by different encounters, in a kind of exercise in astonishment.



HERLANDER (PT)

Lisboa

“TRIAL”

ESPETÁCULO
CONCERTO
NOVA CRIAÇÃO

LISBOA
■ 06.10 e 07.10 (sexta e sábado),
21h
Goethe Institut

10€

60 min.
M/14

Nascido e crescido no bairro da Arrentela, Seixal, e baseado em Lisboa, Herlander é um artista-performer que reescreve as regras do standard popular musical. A sua música roça o antipop, mergulhando num lago sem género, vozes que harmonizam entre si e sons particulares que se sentam distintos numa só sala. Estreou-se com o seu EP experimental “199” em 2018, após o qual editou de forma independente uma mão cheia de singles e atuou em salas e festivais icónicos como a ZDB, Lux, Maus Hábitos e o Iminente.

A convite da BoCA, propõe, agora, um novo projeto performativo que vagueia por entre as diferentes fases da vida e da identidade de uma pessoa: o nascimento, o agora, o roubo da inocência, a luta interna e a “hiper-consciência” de si. Em “Trial”, uma espécie de concerto teatral—criado e conceitualizado com a colaboração visual de Eloïse Grace Winter e Rafael de Oliveira—, Herlander busca reencontrar aquilo que vai se perdendo no caminho do envelhecer, enquanto nos conformamos e ajustamos ao movimento e ritmo do mundo. Uma peça que nos leva numa viagem ao interior em busca da nossa origem e essência sem nome.

Born and raised in the neighbourhood of Arrentela, Seixal, and based in Lisbon, Herlander is an artist-performer who rewrites the rules of standard popular music. His music verges on the anti-pop, diving into a lake without genres, voices that harmonise with each other and particular sounds that sit apart in one room. He made his debut with the experimental EP “199” in 2018, after which he independently released a handful of singles and performed at iconic venues and festivals such as ZDB, Lux, Maus Hábitos and Iminente.

At the invitation of BoCA, he is now proposing a new performance project that wanders through the different phases of a person’s life and identity: birth, the now, the theft of innocence, the internal struggle and the “hyper-awareness of self”. In “Trial”, a kind of theatrical concert—created and conceptualised with the visual collaboration of Eloïse Grace Winter and Rafael de Oliveira –, Herlander seeks to rediscover what is lost on the road to coming of age, as we conform and adjust to the movement and rhythm of the world. A work that takes us on an inward journey in search of our nameless origin and essence.



SOLISTAS DA ORQUESTRA DO ALGARVE (PT) TOCAM JOHN LUTTER ADAMS (US)

Faro

CONCERTO

FARO

- 07.10 (sábado), 15h
 - 08.10 (domingo), 17h
- Jardim da Alameda

Entrada livre
M/6

John Luther Adams, compositor americano galardoado com o Prémio Pulitzer em 2014, reimagina e recria relações com outros seres humanos e não-humanos através da música. Com uma sensibilidade única para captar a beleza e a majestade das paisagens e dos ambientes naturais, Adams conduz-nos através de diferentes geografias sónicas e poéticas, desde o fluxo dos rios até aos movimentos dos céus. Com composições que ora nos tiram o fôlego, ora nos embalam numa melodia calorosa e reconfortante, John Luther Adams foi destacado pelo *The New Yorker* como “um dos mais originais pensadores musicais do século”.

Na BoCA, solistas da Orquestra do Algarve interpretam três das suas obras para quarteto de cordas, em dois concertos concebidos para espaços verdes de Faro. Com um programa que inclui as peças “The Wind in High Places” (2011), “Canticles of the Sky” (2015) e “Three High Places (in memory of Gordon Wright)” (2007), a música de Adams, sempre assombrada e fascinada pela dialética homem-natureza, ecoa e mistura-se ao ambiente natural da cidade.

John Luther Adams, American composer and Pulitzer Prize winner in 2014, reimagines and recreates relationships with other human and non-human beings through music. With a unique sensitivity for capturing the beauty and majesty of landscapes and natural environments, Adams takes us through different sonic and poetic geographies, from the flow of rivers to the movements of the skies. With compositions that sometimes take your breath away and sometimes lull you into a warm and comforting melody, John Luther Adams was highlighted by *The New*

Yorker as “one of the most original musical thinkers of the century”. At BoCA, soloists from the Orquestra do Algarve perform three of his works for string quartet, in two concerts designed for Faro’s green spaces. With a programme that includes the pieces “The Wind in High Places” (2011), “Canticles of the Sky” (2015) and “Three High Places (in memory of Gordon Wright)” (2007), Adams’ music, always haunted and fascinated by the dialectic between man and nature, echoes and blends with the city’s natural environment.



ODETE (PT) & CATY OLIVE (FR)

Lisboa

“IL Y A UNE LARME DANS CHAQUE NOTE ET UN SOUPIR DANS CHAQUE PLI”

PERFORMANCE
NOVA CRIAÇÃO

LISBOA
■ 13.10 (sexta), 21h30
Teatro Ibérico

10€ / 7€ (-30 anos)

45 min. aprox.
M/12

Caty Olive, artista francesa que trabalha como criadora de luz e cenógrafa, e Odete, artista multidisciplinar que habita os territórios da performance, do som, da música e da escrita, unem-se para explorar as ressonâncias dos seus mundos. Os meandros eletrônicos orgânicos, as fronteiras dissolventes na música de Odete, a poesia e a trans-performatividade do seu trabalho encontram a respiração dos sistemas de iluminação de Caty e os seus corpos de luz em mutações constantes. Perpassa uma empatia elementar entre o trabalho das duas artistas, que confronta a rigidez e as correntes essencialistas, que existe na natureza particular da ecologia dos corpos e das energias que as suas linguagens evocam.

Após uma semana de residência de criação em Serralves, Odete e Olive compõem “Il y a une larme dans chaque note et un soupir dans chaque pli”, projeto que evoca os castrati e explora o seu universo vocal e estético. As artistas propõem-se imaginar que os castrati

poderiam ser uma forma de ficção num lugar cujos contornos permanecem fluidos e que (se) transforma. Um espaço que absorve os corpos que o habitam, onde a história pode dar lugar à fantasia e à especulação, onde a dimensão barroca de um corpo encontra abrigo, fugindo às exigências de um mundo que procura tudo clarificar.

Criação e interpretação: Caty Olive e Odete

Luz: Caty Olive

Som: Odete

Co-produção: BoCA - Biennial of Contemporary Arts, Fundação de Serralves

Apoio: MaisFRANÇA / Instituto Francês de Portugal

Este espetáculo é apresentado com o apoio do Institut Français e do projeto MaisFRANÇA, uma temporada concebida pelo Institut Français du Portugal com o apoio dos mecenas Claude & Sofia Marion Foundation, JC Decaux, BNP Paribas, Mexto e Credibom.

**MAIS
FRANÇA**

Caty Olive, a French artist who works as a light and set designer, and Odete, a multidisciplinary artist who inhabits the territories of performance, sound, music and writing, come together to explore the resonances of their worlds. The organic electronic meanderings, the dissolving boundaries in Odete’s music and the poetry and trans-performativity of her work meet the breath of Caty’s lighting systems and their ever-changing bodies of light. After a week of creative residency in Serralves, the artists compose “Il y a une larme dans chaque note et un soupir dans chaque pli”,

a project that evokes the castrati and explores their vocal and aesthetic universe. The artists propose to imagine that the castrati could be a form of fiction in a place whose contours remain fluid and which (is) transformed. A space that absorbs the bodies that inhabit it, where history can give way to fantasy and speculation, where the baroque dimension of a body finds shelter, escaping the demands of a world that seeks to clarify everything.



ANA BORRALHO & JOÃO GALANTE (PT)

Lisboa

“CHATROOM”

ESPETÁCULO
NOVA CRIAÇÃO

LISBOA

■ 13.10 (sexta), 19h30
■ 14.10 (sábado), 21h30
Teatro do Bairro
(Rua Luz Soriano)

12€ / 10€ (-30 anos)

90 min. aprox.
M/16

Nesta nova peça, Ana Borralho & João Galante propõem uma jornada imprevisível e envolvente que explora a natureza volátil e transitória das conexões humanas na era digital. A proposta é transformar o palco numa chatroom, chamando o público a ser parte activa da obra de arte.

Os visitantes desta sala virtual são imersos num ecrã de vídeo que abrange o horizonte. São então convidados a escolher um nome de usuário e um avatar de forma a construir uma identidade digital única.

O desafio a seguir é que troquem mensagens visuais ou sonoras entre si, reflectindo sobre temas como a paisagem, a presença, eu e o outro, a solidão, a identidade, a vulnerabilidade e a empatia, enquanto a linha que separa a realidade virtual e a experiência humana se torna cada vez mais ténue. Ligações surpreendentes são estabelecidas e dissolvidas rapidamente, enquanto as imagens flutuam na tela como pinceladas abstractas.

Um elenco anónimo observa a interacção participando como moderador subtil, fornecendo estímulos provocativos para incentivar a uma maior introspecção, e à sequência estrutural da peça.

Em suma, “Chatroom” é uma experiência que ilumina a complexidade das relações humanas no mundo contemporâneo. Uma meditação colectiva que ao invés de afastar, desperta o senso e necessidade de conexão e compreensão entre seres humanos virtualmente conectados.

Conceito e direção artística: Ana Borralho & João Galante

Colaboração artística e dramaturgica: Fernando J. Ribeiro

Assistência artística: Daniel Matos

Banda sonora original: Coolgate aka João Galante

Colaboradores: Ana Freitas, Inês Coias, Tiago Gandra

Direção técnica: Manuel Abrantes

Direção executiva e administração: Mónica Samões

Direção de produção e difusão: Andrea Sozzi

Produção: Joana Duarte e Maria João Malheiro

Comunicação: this is ground control

Produção: casaBranca

Coprodução: BoCA - Biennial of Contemporary Arts

A casaBranca é uma estrutura financiada pela República Portuguesa - Cultura / Direção Geral das Artes

In this new play, Ana Borralho & João Galante propose an unpredictable and engaging journey that explores human connection’s volatile and transient nature in the digital age. The proposition is to transform the stage into a chatroom, inviting the audience to participate actively in the artwork. Visitors to this virtual room are immersed in a video screen that spans the horizon. They are then invited to choose a username and avatar to build a unique digital identity. The challenge is for them to exchange visual or audio messages, reflecting on themes

such as landscape, presence, self and other, loneliness, identity, vulnerability, and empathy as the line between virtual reality and the human experience becomes increasingly faint.

In short, “Chatroom” is an experience that illuminates the complexity of human relationships in the contemporary world. A collective meditation that, instead of distancing, awakens the sense and need for connection and understanding among virtually connected human beings.

BOCA SUB21 / LISBOA, FARO

A BoCA Sub21 é um projeto de caráter participativo e experimental que nasceu em 2017, que decorre todos os anos durante cerca de 2 meses e no qual um grupo de jovens acompanha a programação da bienal e as questões que dela podem surgir. Em 2023 são constituídos dois grupos—em Lisboa e Faro—que reúnem:

1. Almas livres que não existam há mais de 21 anos e que acreditam que a voz de uma geração pode transformar o mundo por meio de micro, pequenas, médias e singelas oportunidades;
2. Mentis inquietas numa plataforma crítica e autoral—de observação e criação—que não só vive no interior de uma bienal de artes transdisciplinar e desafiadora como empresta dela o estímulo para cruzar artes visuais, artes cénicas, performance, música, bordados, literatura ou jardinagem;
3. Encontros com artistas, ocupações de espaço e ações performativas;
4. Sessões de pensamento e reptos de criação como espaço de possibilidade para que “coisas” aconteçam, decidindo o grupo que “coisas” serão.

BoCA Sub21 is an participatory and experimental project that came to life in the first edition of BoCA Biennial of Contemporary Arts, in 2017. During around 2 months every year, a group of young people follows the programme of the biennial and the questions that it gives rise to. In 2023 there are two groups, each in one of the cities that are part of BoCA: Lisbon and Faro.



APRESENTAÇÕES PÚBLICAS

14.10, 16h

Fábrica da Cerveja (Faro)

Mediação: Diogo Simão

15.10, 15h30

Goethe Institut (Lisboa)

Mediação: Sara Franqueira

e Sónia Baptista

WORKSHOPS

TEATRO / PERFORMANCE

Ntando Cele (ZA / CH)

24.09, 15h–19h

25.09, 18h–22h

Teatro da Garagem / Teatro Taborda (Lisboa)

DANÇA

Tamara Cubas (UY)

26.09 a 29.09, 18h–21h30

30.09, 15h–19h, com partilha pública às 17h

São Luiz Teatro Municipal e Estúdios Victor Córdon (Lisboa)

DANÇA / PERFORMANCE

Gaya de Medeiros (BR)

08.09, 18h30–21h30

09.09, 10h–13h

10.09, 16h–19h

Largo Residências – Quartel do Largo do Cabeço da Bola (Lisboa)

MÚSICA / SOM

Pedro Sousa (PT)

30.09 a 01.10, 10h–14h

Biblioteca de Marvila (Lisboa)

Inscrições em www.bocabiennial.org

FESTAS / PARTIES

LISBOA

16.09 (sábado)

Dengo Clube

05.10 (sábado)

Bleza

14.10 (sábado)

Musicbox

FARO

23.09 (sábado)

Fábrica da Cerveja

30.09 (sábado)

Fábrica da Cerveja

14.10 (sábado)

Fábrica da Cerveja

BILHETES / TICKETS

Consulte a bilheteira e informações atualizadas em www.bocabiennial.org

BOCA

Apoio Institucional



Financiamento



Apoio ao Programa Educativo



Apoios



Parcerias de Programação



Parcerias de Residência Artística



Parceria



Parcerias de Media



Apoio à Divulgação

